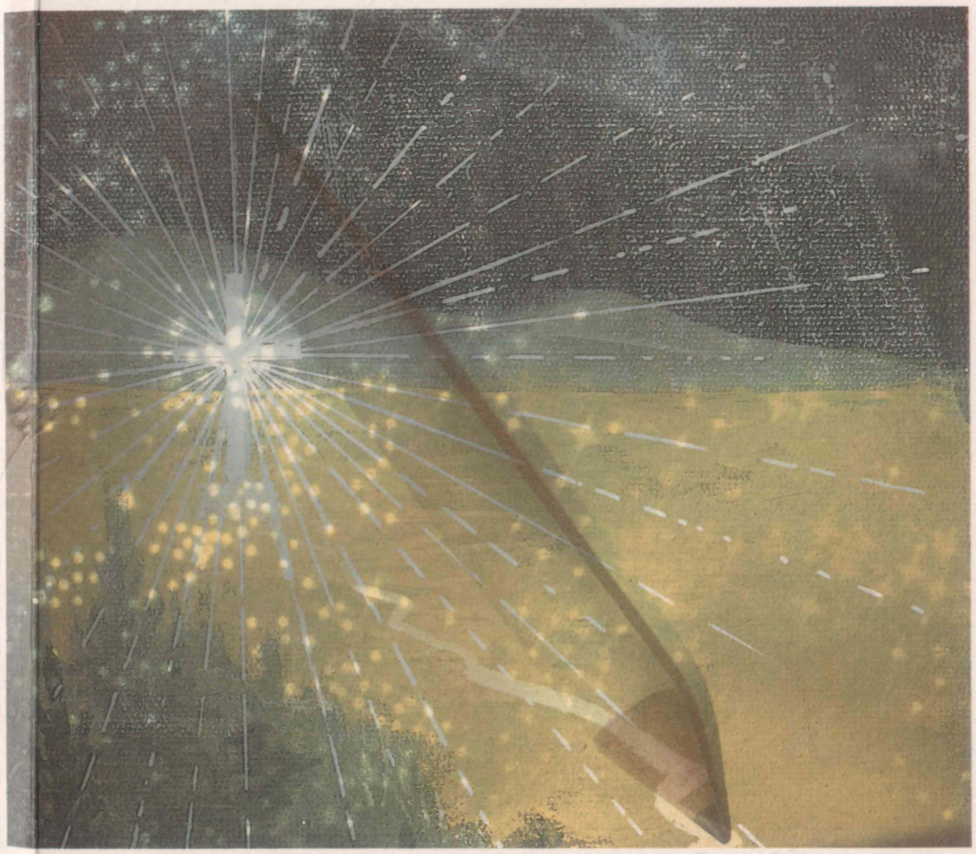
CHICO XAVIER

UMA VIDA DE AMOR



UBIRATAN MACHADO

CHICO XAVIER
UMA VIDA DE AMOR

© 1992, Instituto de Difusão Espírita

Texto originariamente publicado na Revista *Fatos e Fotos/Gente,* da Bloch Editores S.A., Rio de Janeiro, RJ, numa série especial de cinco edições sucessivas, no mês de janeiro de 1984.
Direitos cedidos em caráter definitivo e a título gratuito pela Editora, Autor e fotógrafo Gaston B. Guglielmi.

Capa: Cláudio de Oliveira Santos

4ª edição – 18º ao 21º milheiro – junho/1998

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (019) 541-0077 - Fax (019) 541-0966
CEP 13600-970 - Araras - Estado de São Paulo - Brasil
C.G.C. (MF) 44.220.101/0001-43
Inscrição Estadual 182.010.405.118

Internet: http://www.ide.org.br
e-mail: info@ide.org.br

CHICO XAVIER
UMA VIDA DE AMOR

Ubiratan Machado

FICHA CATALOGRÁFICA

(Preparada na Editora)

Machado, Ubiratan Paulo, 1941-

M135c Chico Xavier – Uma Vida de Amor / Ubiratan Paulo Machado. Araras, SP, IDE, 4ª edição, 1998.

128 p.: 54 il.

ISBN 85-7341-004-3

1. Espiritismo 2. Médiuns - Brasil 3. Xavier, Francisco Cândido, 1910- I. Título.

CDD-920.9133910981
-133.9
-133.91

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Médiuns: Biografia 920.9133910981
2. Espiritismo 133.9
3. Mediunidade: Espiritismo 133.91

ÍNDICE GERAL

I - Com o Diabo no corpo 9
II - A capacidade de psicografar 31
III - Fama e humildade 55
IV - Uberaba, a capital do Espiritismo 77
V - Missão cumprida 103

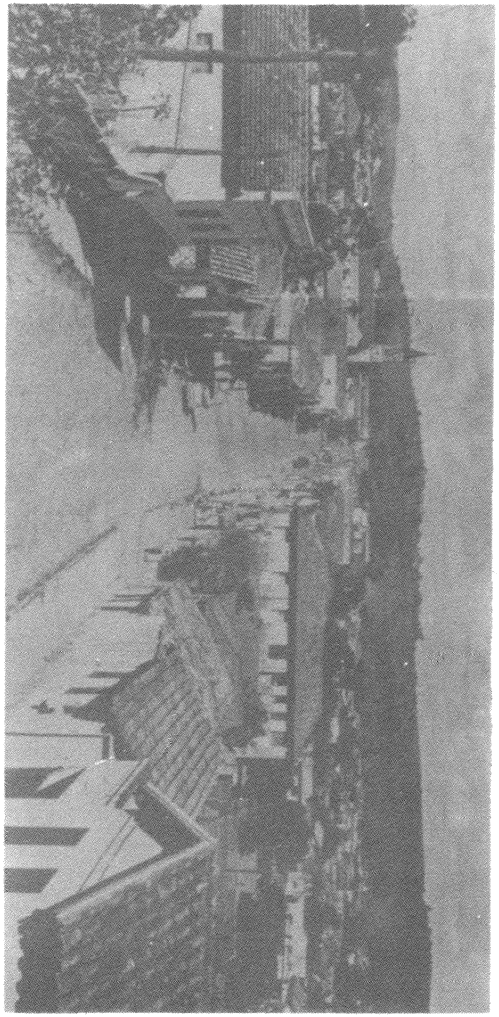
Índice das Ilustrações 125

Gaston B. Guglielmi

CAPÍTULO I

COM O DIABO NO CORPO

No início do século, Cachoeira das Três Moças era apenas um arraial perdido na imensidão das Gerais. A vida era pacata e modorrenta; os costumes, austeros. Persistiam valores, crendices e hábitos dos velhos tempos. Alguns, francamente medievais.



Em 1901, Cachoeira das Três Moças passou a se chamar Pedro Leopoldo, em homenagem ao engenheiro que estendera a linha do trem até a cidade.

Chico nasceu → 2/4/1910

O povo era cordial e conservador. E alheio às imensas mudanças éticas e sociais que se aceleravam em todo o mundo. Comia seu feijão-tropeiro, seu angu com couve, pitava, procriava e ia à missa. Que todos eram católicos, reverentes ao senhor vigário, rebanho dócil, que encarava qualquer manifestação do maravilhoso como travessura do capeta.

Alguma coisa começaria a mudar com a chegada do trem, saudado com foguetório, cachaçada e banda de música, ao melhor estilo do interior. Era a velha maria-fumaça, então, literalmente, a todo vapor. O fato fora tão importante, que em 1901 Cachoeira das Três Moças trocava seu nome para Pedro Leopoldo. Homenagem justa, se bem que de péssimo gosto poético, ao engenheiro que estendera a linha da Central do Brasil até aquela zona metalúrgica, boca do sertão mineiro.

Nesta época, morava ali um casal humilde, como tantos outros casais do interior. Ele, João Cândido Xavier, operário de profissão, vendedor de bilhetes de loteria nos momentos de aperto. Isto é, durante o ano inteiro. Sua mulher, dona Maria João de Deus, de prendas domésticas. Mãe de família na velha tradição mineira. Dedicada ao lar, paparicando os filhos, ensinando-os a rezar de mãos postas. Ambos católicos. Por educação e fé. Viviam cheios de filhos, de pobreza e de harmonia, numa pequena casa térrea. Foi ali que, a 2 de abril de 1910, nasceu um menino, que na pia batismal recebeu o nome de Francisco. Na certa, em homenagem ao humílimo e pobrezinho santo de Assis.

A vida da família seguia serena. Os filhos, agora,

já eram nove. Chico crescia como qualquer moleque do interior. Corria pelo quintal, brincava e subia em árvores, de pés descalços, peito nu, aguçando os ouvidos quando o apito estridente da maria-fumaça ecoava por aquelas lonjuras. Livre como os pássaros. Estava com cinco anos e, como qualquer criança normal dessa idade, sentia-se irresponsavelmente feliz.

Então, surgiu o inesperado: dona Maria João adoece. A princípio, parecia coisa passageira. A doença, porém, progrediu rapidamente, e ela já pressentia o toque frio da foice da morte. Como a família viveria? João Cândido, inveterado sonhador, achava-se desempregado. Sobrevivia apenas à custa dos bilhetes de loteria. A praça era pobre e ele arriscou-se pelas cidades maiores da redondeza: Sabará, Conceição do Mato Dentro, Curvelo.

Preocupada, dona Maria João decidiu distribuir os filhos por parentes e amigos, que se dispuseram a criá-los.

"Eu estava de pé, no pé da cama, e o queixo encostado na madeira. Na cabeceira do leito, minha mãe me olhava. E eu lhe disse palavras muito duras para um menino. 'Por que a senhora, mamãe, está dando seus filhos para os outros? Não quer mais seus filhos, é isso?' " (Chico Xavier)

Dona Maria respondeu que ia para o hospital. E disse uma frase que impressionou o menino: "Se qualquer pessoa falar que morri, é mentira. Não acredite. Vou ficar quieta, dormindo, não responderei a ninguém, mas não vou morrer." E, no dia seguinte a este diálogo, a 29 de setembro de 1915, ela morreu.

chico perdeu sua mãe em: 29/09/1915
com: 5anos

* * *

Na diáspora da família Xavier, Chico vai para a casa da madrinha, dona Maria Rita de Cássia, velha amiga de sua mãe. Ali começariam as atribulações do menino, que mais parecia um daqueles pequenos heróis de Dickens, cuja infância é curtida com os mais atrozes castigos e humilhações. Mas havia uma diferença. Ao contrário dos personagens do grande romancista inglês, em geral com um destino adulto medíocre, Chico estava destinado a altos vôos: tornar-se um professor de humildade e demonstrar que as manifestações do maravilhoso não são travessuras do capeta. Mas, para chegar até lá, precisava passar no vestibular do sofrimento. E dona Rita seria uma professora intransigente.

A qualquer pretexto, a vara de marmelo cantava no lombo do menino. Para pescoções, taponas e beliscões dispensavam-se pretextos. E, em sua crueldade, dona Rita inventava requintes dignos de um inquisidor. Um de seus caprichos consistia em enfiar garfos no ventre do garoto. O suplício durava horas. O sangue começava a escorrer. Chico soluçava, berrava, chorava, implorava. Mas a madrinha não lhe permitia retirar os garfos. Aos poucos, abriu-se uma imensa chaga na barriga. A dor impedia-o às vezes até de caminhar ao fundo do quintal, único lugar onde encontrava um pouco de paz. Além disso, via-se obrigado a usar uma camisola comprida de menina,

Com a doença da mãe, Chico e seus irmãos foram distribuídos entre parentes e amigos. O médium teve que agüentar a tirania da madrinha, dona Rita, até que seu pai, depois da morte da esposa, resolveu se casar novamente. Dona Cidália, a madrasta, exigiu que João Cândido reunisse os filhos.

chamada de mandrião, feita com pano de saco de farinha pintado de azul.

"Ao me levantar, pela manhã, eu não me animava a tomar café: ficava esperando a primeira surra do dia. Depois, sim, tomava meu café com aquela alegria de já haver pago uma parcela."

E as surras vinham sempre acompanhadas do mesmo refrão:

"Esse menino está com o diabo no corpo."

Talvez para exorcizá-lo, dona Rita obrigava-o a longos jejuns. O sofrimento ia polindo o menino. Mas a capacidade de resistência de uma criança é limitada.

Um dia, angustiado e com o corpo marcado de vergões, Chico correu para o fundo do quintal. Ia refugiar-se à sombra amiga de velhas bananeiras. Ali, começou a rezar. Pouco depois, viu dona Maria João a seu lado. Lembrou-se das palavras da mãe, de que não ia morrer. E, com a lógica de seus cinco anos, não se surpreendeu.

"Quero ir embora daqui, mamãe. Só vivo apanhando..."

A mãe recomendou-lhe paciência:

"Quem não sofre não aprende a lutar."

"Minha madrinha diz que estou com o diabo no corpo..."

"Não se importe. Tudo passa e, se você tiver paciência, Jesus nos ajudará para ficarmos sempre juntos."

Esta era a modesta casa onde vivia Chico Xavier, em Pedro Leopoldo, na década de 30.

Depois desse dia, Chico nunca mais reclamou. E nem chorava. Suportava tudo calado, de olhos secos. Ante essa reação, que considerava ofensiva, dona Rita mudou o refrão. Agora, dizia:

"Chico é tão cínico que não chora nem mesmo a pescoção."

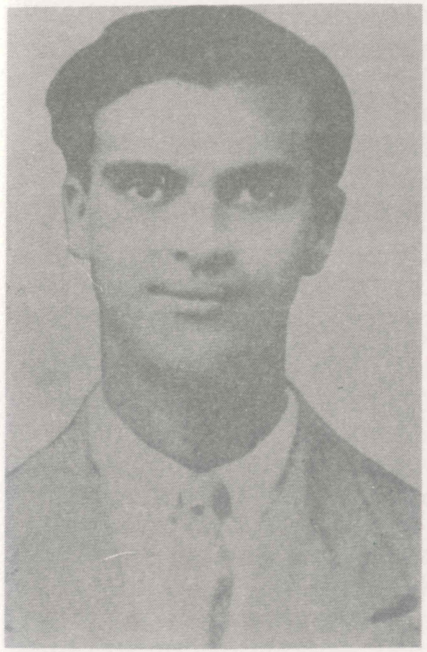
O menino defendia-se dessa acusação com um argumento escandaloso. Contava que, toda vez que suportava uma surra sem chorar, via sua mãe. A partir daí, passaram a chamá-lo de *menino aluado.*

Dona Rita criava também como filho adotivo um menino chamado Moacir, que nesta época andava lá pelos seus 12 anos de idade. Há muito ele tinha uma imensa ferida pustulenta e crônica na perna. Não havia remédio capaz de fazer sará-la.

Um dia, dona Rita resolveu recorrer aos préstimos de Ana Batista, uma antiga curandeira da localidade denominada Matuto (hoje Santo Antônio da Barra), nos arredores de Pedro Leopoldo.

Ana Batista examinou a ferida e, com sua sabença irretorquível, concluiu:

"Aqui só uma simpatia vai dar resultado."



Nesta foto, o médium estava com 26 anos de idade.

"Como é essa simpatia?", indagou dona Rita.

Assumindo um ar ainda mais sério, a velha benzedeira ensinou:

"A ferida precisa ser lambida por uma criança, em jejum, durante três sextas-feiras seguidas."

A princípio, até dona Rita achou a idéia meia absurda. Mas logo concordou:

"Chico serve?"

"Chico é aquele menino aluado, que mora em sua casa? Serve sim."

Esse diálogo ocorreu numa quinta-feira, pela manhã. À tarde, Chico já sabia da estranha missão que lhe estava reservada para o dia seguinte. Ao se dirigir à sombra das bananeiras, onde costumava orar, encontrou o Espírito de sua mãe. Chorando, contou-lhe tudo.

"Você deve obedecer, meu filho."

"Então, devo lamber a ferida do Moacir?"

"É melhor lamber feridas do que causar aborrecimentos aos outros. Obedeça à sua madrinha."

"E isso vai sarar a perna do Moacir?"

"Não, pois não é remédio. Mas seja humilde, meu filho. Se você ajudar e lamber a ferida, nós faremos o remédio para a cura."

No dia seguinte, Chico iniciou a sua repugnante missão.

"Durante três sextas-feiras seguidas, em jejum, tive de fazer aquela coisa horrível. Fechava os olhos, pedia forças ao Espírito de mamãe e começava a lamber a perna do menino. Foi duro. Na hora, tive muita raiva da minha língua não ser maior, para com uma lambida só eu resolver o problema e acabar com o suplício. Felizmente, a danada da ferida começou a sarar na terceira sexta-feira, e não precisei mais fazer aquilo. E pedi à minha mãe para dar um jeito de ninguém mais ter ferida, pelo menos em Pedro Leopoldo."

Quando viu a perna do filho adotivo melhorar, dona Rita, pela primeira vez em dois anos, dirigiu-se a Chico de maneira carinhosa:

"Muito bem, Chico. Você obedeceu direitinho. Louvado seja Deus!"

E durante uma semana o menino não apanhou. Mais alguns meses e ele estaria livre da tirania da madrinha.

"Dona Rita foi minha educadora."

* * *

Mas, como tudo, essa *educação* também chegou ao fim. Um dia, cansado da solidão, João Cândido resolveu casar-se de novo. Encontrara uma mulher excepcional, dona Cidália Batista. Tão excepcional que exigiu que o marido reunisse os filhos dispersos pelas casas dos parentes e amigos.

Quando voltou para casa, Chico encontrou dona Cidália de braços abertos. Encorajado, abraçou-a. A intimidade veio rápida. Mas Chico era uma criança estranha. Vivia falando de suas visões, contava como em sonhos se deslocava até lugares de paisagens muito diferentes das de Pedro Leopoldo. Mas a madrasta era mulher de grande coração, que escondia sob a sua simplicidade um espírito sagaz carente apenas de instrução.

"Ela me disse que não entendia aquilo, mas acreditava em mim. E disse uma coisa de que não me esqueço: 'Olha, Chico, eu não entendo disso, ninguém entende, mas você é um menino inocente e está dizendo a verdade. Um dia, quem sabe?, vai aparecer alguém que o entenda e explique suas visões e as vozes que você ouve.' "

Uma das primeiras providências de dona Cidália foi recomendar ao companheiro que matriculasse os filhos na escola. A situação, porém, não era fácil. João Cândido bem que gostaria. Mas o dinheiro, no fim do mês, mal dava para as necessidades domésticas. Como espichar os minguados trocados, a fim de que dessem para livros, cadernos, lápis, caneta?

Mulher inventiva, dona Cidália logo encontrou a solução. A casa tinha um daqueles amplos quintais dos bons tempos. Por que não plantar uma horta?

Chico venderia os legumes e hortaliças na rua. Cada molho de couve, alface e almeirão, ou unidade de repolho, era vendido a tostão. Com o dinheiro arrecadado, os filhos de Seu João Cândido poderiam adquirir os trens indispensáveis para freqüentar a escola. E, de tostão em tostão, tinham juntado, em dezembro de 1918, 32 mil-réis.

Em janeiro do ano seguinte, graças à horta, Chico Xavier entrou no Grupo Escolar São José. Não foi aluno brilhante, chegando a repetir o quarto ano primário, se bem que por motivo de saúde. Mas seu relacionamento com o Além foi certamente o mais surpreendente.

Muitas vezes, durante as aulas, Chico ouvia vozes de Espíritos, ou sentia mãos sobre as suas, guiando-lhe os movimentos na escrita, sem que os demais alunos percebessem.

"Isso me criava muitos constrangimentos."

Em 1922, comemorou-se em todo o país o centenário da Independência. O governo de Minas Gerais instituiu diversos prêmios de redação para alunos da 4ª série primária. O assunto era livre, desde que pertencesse à história do Brasil.

Chico, então com 12 anos, cursava o 4º ano. A professora, dona Rosária Laranjeira, marcou data para a composição. Naquele dia, quando se preparava para iniciar a tarefa, Chico viu um homem a seu lado, ditando-lhe o que deveria escrever.

Assustado, indagou ao companheiro de banco se ele também estava vendo o homem. O menino

negou, dizendo que aquilo era ilusão, conseqüência de sua preocupação. Enquanto isso, o homem ia ditando as frases de abertura do trabalho.

"Dona Rosária Laranjeira era católica fervorosa e começou a assustar-se com minhas composições."

Chico pediu, então, licença à professora. Levantou-se, aproximou-se do estrado sobre o qual ficava a cadeira de D. Rosária e lhe disse, em voz baixa:

"Dona Rosária, perto de mim está um homem, ditando o que devo escrever."

Mulher compreensiva, que *"tinha a virtude da caridade"*, segundo Chico, ela perguntou, também em voz baixa:

"O que o homem está mandando você escrever?"

Chico repetiu a frase: *"O Brasil, descoberto por Pedro Álvares Cabral, pode ser comparado ao mais precioso diamante do mundo, que logo passou a ser engastado na coroa portuguesa..."*

Admirada, mas tolerante, D. Rosária mandou-o sentar-se na carteira e concluir a prova. Não importava se o texto fosse ditado ou não por um homem invisível. O importante era concluí-lo.

Algumas semanas depois, a Secretaria de Educação de Minas divulgava os resultados do concurso, disputado por milhares de estudantes de todo o Estado: Chico Xavier recebera menção honrosa.

Os colegas começaram a espalhar o boato de que Chico havia copiado o trecho premiado de algum

livro. Outros se recusavam a duvidar da sua honestidade. As opiniões dividiam-se. Havia os que acreditavam em seus dons, se não mediúnicos, pelo menos literários. Um dia, um colega desafiou-o: "Já que sua prova fora ditada por uma pessoa do outro mundo, por que esse homem não reaparecia, dispondo-se a escrever a respeito de algum assunto proposto pelos próprios colegas?"

No exato momento do desafio, Chico viu o Espírito, que se dizia pronto a escrever. Comunicado o fato à professora, dona Rosária hesitou. A pressão dos colegas, no entanto, era irresistível. E ela concordou que Chico fosse ao quadro-negro e escrevesse diante de todos.

"Qual é o tema?", indagou um dos alunos. Uma outra, cujo pai construía então uma casa, sugeriu que fosse areia. Todos riram, considerando a areia uma coisa desprezível. Mas o tema foi mantido.

Logo, Chico pôs-se a escrever no quadro-negro o que o Espírito ia lhe ditando: *"Meus filhos, ninguém escarneça da criação. O grão de areia é quase nada, mas parece uma estrela pequenina refletindo o sol de Deus..."*

("A composição foi escrita com muitas idéias que eu seria incapaz de conceber nos meus 12 anos de idade.")

A partir de então, dona Rosária proibiu que se fizesse qualquer comentário, na sala de aula, a respeito de pessoas invisíveis.

* * *

Se a horta servia de suporte ao estudo de Chico, serviu também como lição. Com o marido trabalhando e as crianças na escola, muitas vezes dona Cidália era obrigada a deixar a casa sozinha, pois tinha de ir longe para apanhar lenha.

Certa vizinha, observando essas ausências, começou a fazer salada à custa da horta alheia. Dona Cidália descobriu logo a culpada. Mas repugnava-lhe ofender a amiga. Foi então que teve uma inspiração.

"Chico, peça um conselho à sua mãe. Como devo proceder?"

À tardinha, como era seu hábito, Chico foi para o quintal e rezou, solicitando a aproximação do Espírito da mãe. Pouco depois, ela se apresentava, e aconselhava:

"Diga à dona Cidália que de fato não devemos brigar com os vizinhos, de quem sempre necessitamos. Será preferível, pois, que ela, todas as vezes que precise ausentar-se, confie a chave da casa à vizinha que vem tirando verduras. Desta forma, em vez de lhe prejudicar, ela lhe ajudará a tomar conta."

Dessa forma, a vizinha nunca mais mexeu na horta.

Com a normalização de sua vida afetiva e o carinho de dona Cidália, Chico nunca mais viu o Espírito da mãe. Mas seu intercâmbio com o Além continuava muito ativo. À noite, o menino erguia-se da cama e punha-se a perambular pelo quarto. Num tom apaixonado, mantinha longos diálogos com interlocutores invisíveis. Pela manhã, narrava as

"Ele (Padre Sebastião Scarzelli, foto) me disse que eu era um menino lúcido que tinha visões. E que, ainda que não entendesse, considerava um absurdo me internarem."

inacreditáveis aventuras vividas no Além por parentes ou conhecidos mortos.

"Meu pai estava querendo internar-me num sanatório para enfermos mentais. Aconselhado por seus amigos, achava que o melhor era meter-me num hospício."

Dona Cidália, mais ponderada, aconselhou João Cândido a levar o menino ao Padre Sebastião Scarzelli. Esse missionário italiano, antigo vigário de Matozinhos, cidade próxima a Pedro Leopoldo, era tido como homem prudente e bondoso. A princípio, considerou tudo aquilo como extravagâncias. Fantasias da idade. E sugeriu que João impedisse o filho de ler jornais, livros ou revistas suspeitos. O menino devia estar impressionado com tais leituras. Os Espíritos não voltam do outro mundo.

Diante da sinceridade e convicção do menino, porém, Padre Scarzelli pareceu ter mudado de idéia.

"Ele me disse que eu era um menino lúcido que tinha visões. E que, ainda que não entendesse, considerava um absurdo me internarem."

A solução proposta pelo padre foi a melhor possível. A fábrica de tecidos de Pedro Leopoldo, atualmente pertencente à Cia. Industrial Belo Horizonte, tinha, então, vagas para meninos. Se ele fosse trabalhar lá, auxiliando no precário orçamento do pai, este não teria coragem de interná-lo.

"Fui trabalhar como tecelão. Entrava às três da tarde, saía à uma da madrugada. Dormia até às seis, ia para a escola, saía às onze. Almoçava, dormia uma

Muito antes de tomar contato com a literatura espírita e Allan Kardec (foto), Chico Xavier, médium desde os cinco anos de idade, já exercia um Espiritismo empírico.

O túmulo de Allan Kardec, belo monumento druídico, é o mais visitado do famoso cemitério do Père-Lachaise, de Paris, florido o ano todo.

hora depois do almoço, entrava de novo na fábrica. A poeira do algodão começou a sujar-me os pulmões. Após algum tempo, o médico recomendou que eu trocasse de emprego."

* * *

Apesar desse regime duro, concluiu o curso primário em 1923. A professora Rosária Laranjeira, acreditando na potencialidade intelectual do rapaz, desejava levá-lo para Belo Horizonte. E propunha-se até a custear seus estudos na capital mineira. Mas João Cândido não concordou. Os minguados mil-réis que Chico ganhava eram indispensáveis ao orçamento doméstico. Sobretudo porque a família aumentava, pois além dos nove filhos do primeiro casamento, João Cândido foi pai seis vezes com dona Cidália.

Em 1925, ingressou no comércio. Primeiro, como auxiliar de cozinha no Bar do Dove. Em seguida, na venda de José Felizardo Sobrinho. Rigor dos velhos tempos: das seis e meia da manhã às oito da noite, o

rapazinho vivia na azáfama de pesar feijão, cortar lingüiça, arrumar as prateleiras, varrer o chão. O salário era de 13 mil-réis. Tudo bem. A única contrariedade era servir bebida alcoólica.

"A minha tragédia era vender cachaça. O sujeito bebia, caía e eu tinha que carregar."

Para todo mundo, deixara de ser o *menino aluado* que conversava com Espíritos. Isso parecia coisa do passado. Puerilidades de um garoto extravagante. Agora, integrado na comunidade católica, tal como queriam seu pai e o Padre Scarzelli, obedecia rigidamente às recomendações que lhe eram impostas pela Igreja. Confessava, comungava, comparecia às missas, acompanhava procissões. O Espírito de dona Maria João nunca mais lhe aparecera.

* * *

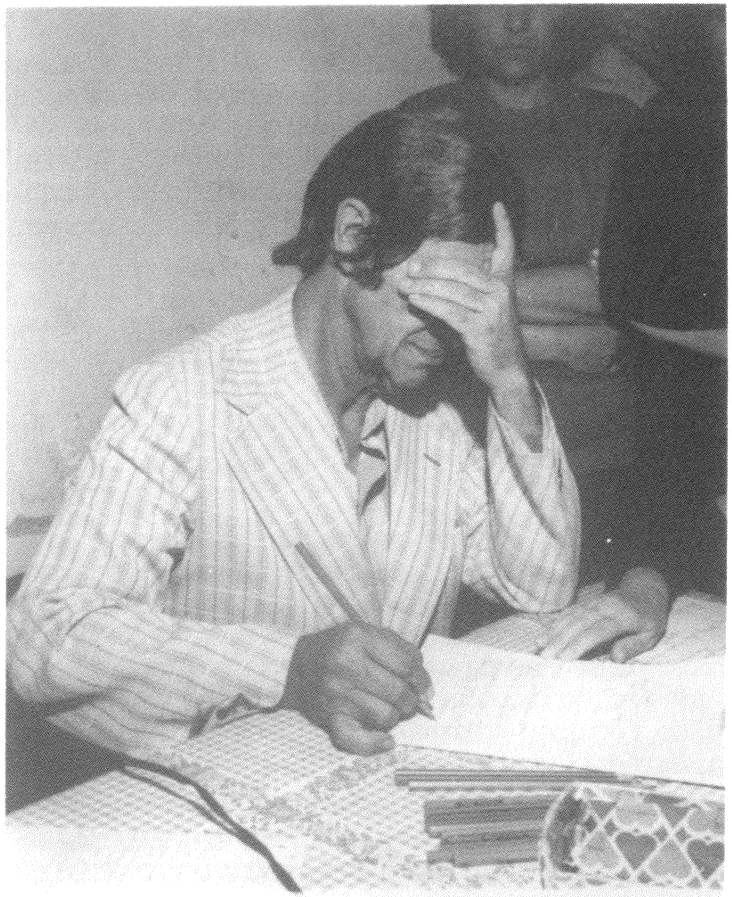
Os fenômenos, porém, continuavam. Em maio de 1927 - Chico já era então um rapazinho – sua irmã mais nova, Maria da Conceição, caiu gravemente doente. Tinha violentos acessos de loucura. Os espíritas diziam que se tratava de um caso de obsessão. Graças a essa obsessão, a família Xavier começou a travar intimidade com o Espiritismo. Tratada por diversos médicos, a moça não apresentava nenhum sinal de melhora. Acabaram aceitando o oferecimento de um casal de médiuns, Hermínio e Carmen Perácio. Pouco depois, Maria da Conceição começou a dar mostras de recuperar a razão, vindo a ficar inteiramente curada. Na primeira sessão realizada em casa de João Cândido, estava reservada uma grata surpresa para Chico. Após uma ausência de sete anos, o Espírito de dona Maria João reapareceu. E, através da mediunidade grafológica de Carmen Perácio, dirigiu uma extensa mensagem ao marido e filhos, referindo-se de maneira particular a Chico. E comunicando-lhe os novos caminhos que ele deveria percorrer.

"... a meu ver, tive três períodos distintos em minha vida mediúnica. O primeiro, de completa incompreensão para mim, é aquele dos cinco anos de idade, quando via minha mãe desencarnada, a proteger-me, até os dezessete anos, época em que me via sob a influência de entidades felizes e infelizes, até que a misericórdia do Senhor penetrou nossa casa, em maio de 1927."

No mês seguinte, os companheiros que participaram da reunião em casa da família Xavier decidiram fundar um Centro. Restava eleger um presidente. Todos pensaram em Perácio, mas ele morava a 100 quilômetros de Pedro Leopoldo. Foi então que um companheiro, de faces avermelhadas e eloqüência inflamada, ofereceu-se para dirigir o Centro. Surgia o Centro Espírita Luiz Gonzaga. Chico seria o secretário.

No dia seguinte à fundação, porém, acontecia a primeira surpresa. O irmão inflamado, de faces rubras, renunciava à presidência, alegando sua condição de membro de uma família católica tradicional. Só então, os companheiros descobriram a razão de seu entusiasmo e de seu rubor: o renunciante havia se enchido de vinho.

Com a renúncia, José Cândido, irmão mais velho de Chico, assumiu a presidência do Centro. Pouco depois, Chico psicografaria sua primeira mensagem.



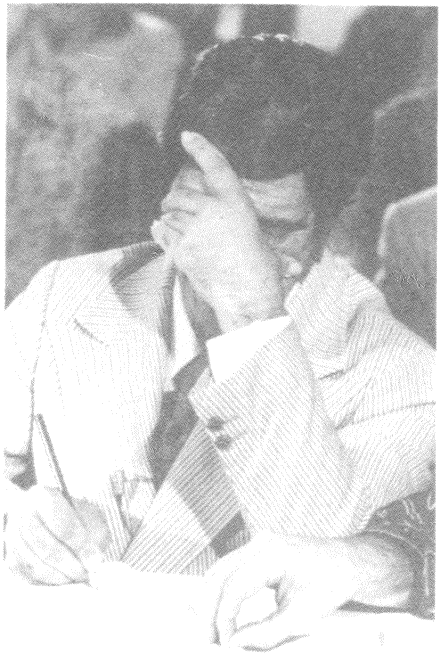
Gaston B. Guglielmi

CAPÍTULO II

A CAPACIDADE DE PSICOGRAFAR

Durante quatro anos, com paciência e humildade, Chico Xavier foi aprendendo a psicografar. No início, ficava extenuado. Depois, foi se amoldando às mãos dos Espíritos. Aí, era só pegar lápis e papel que a mensagem fluía.

Na noite de 8 de julho de 1927, como acontecia todas as sextas-feiras, houve reunião no Centro Espírita Luís Gonzaga. Tudo transcorria normalmente, quando dona Carmem Perácio, que presidia os trabalhos, comunicou a Chico que um Espírito gostaria de se comunicar através dele. Para tal, solicitava ao médium apanhar lápis e papel que se encontravam em cima da mesa. Ia testar a sua capacidade de psicografar.



Gaston B. Guglielmi

Todo aprendizado é um exercício de paciência e humildade. Chico sentiu isso quando as mensagens psicografadas começaram a se amiudar. O exercício era extenuante. O médium tinha de se amoldar, digamos, às mãos dos Espíritos.

"Obedeci ao conselho recebido e, de imediato, um amigo espiritual escreveu 17 páginas, usando a minha mão, com grande surpresa de minha parte, conquanto registrasse fenômenos mediúnicos em minha experiência pessoal desde a infância."

Todo aprendizado é um exercício de paciência e humildade. Chico sentiu isso quando as mensagens psicografadas começaram a se amiudar. O exercício era extenuante. O médium tinha de se amoldar, digamos, às mãos dos Espíritos. Pior do que carregar pedra.

Chico sentia como se um cinto de ferro fosse lhe comprimindo a cabeça aos poucos. O braço parecia se mineralizar, virar barra de ferro, pesado, mas arrastado por uma força muito grande. Ficava extenuado. O estado psicológico oscilava entre extremos de bom e mau humor. Haveria intervenção do subconsciente do médium nas mensagens recebidas? É possível. Tanto assim que, durante os quatro anos que durou a aprendizagem, os Espíritos não assinavam as mensagens.

Durante estes anos, Chico trabalhou firme no Centro Luís Gonzaga, então localizado em casa de seu irmão, José Cândido. O primeiro grande desafio surgiu em outubro de 1927. Neste mês, mudou-se para Pedro Leopoldo uma estranha família, procedente de Pirapora, cidade mineira localizada às margens do rio São Francisco. Dona Rita Silva começava a apresentar sinais de esgotamento. Suas quatro filhas sofriam de constantes e violentos acessos de loucura. Nestes momentos, debatiam-se, mordiam-se umas às outras, uivavam, blasfemavam. Uma delas tivera de viajar acorrentada, tamanha a sua fúria.

O tratamento das irmãs obsidiadas, como dizem os espíritas, durou alguns meses.

Em certa ocasião, a coisa ainda estava no início, José, seleiro de profissão foi obrigado a viajar, Chico ficaria sozinho no Centro. Precisava de um colaborador.

* * *

Gaston B. Guglielmi

Dois flagrantes de uma reunião pública no Grupo Espírita da Prece, em Uberaba, Minas.

Por esta época, aparecera em Pedro Leopoldo um certo Manoel. Era homem rústico, mas de bom coração. O povo comentava que ele tinha muita experiência em tratar pessoas *atacadas*. Diante dele, os Espíritos das trevas saíam de mansinho e até o próprio diabo se retirava, rabinho entre as pernas, tentando disfarçar o cheiro de enxofre com algum perfume.

José não hesitou. Procurou o homem e solicitou-lhe a cooperação. Seu Manoel não se fez de rogado. Aceitou no ato. No dia e hora combinados, lá se apresentava ele no Centro Espírita Luís Gonzaga, tendo sob o braço a sua velha e pesada Bíblia.

A sessão começou tranqüila. Um Espírito incorporou-se em Chico e pôs-se a orientar Seu Manoel sobre os trabalhos:

Gaston B. Guglielmi

"Meu irmão, se algum Espírito perturbador se apossar do médium, aplique-lhe o Evangelho sem vacilar."

Seu Manoel prometeu obedecer à ordem. De repente, Chico começou a dar todos os sinais de estar possuído por uma entidade perturbada. O homem não hesitou. Apanhou sua pesada Bíblia e pôs-se a

socá-la sem parar na cabeça de Chico exclamando com veemência:

"Tome Evangelho! Tome Evangelho!"

Durante sei dias, Chico teve de ficar de repouso, a fim de curar o torcicolo provocado pelas pancadas evangélicas de Seu Manoel.

Menos tragicômico foi o caso do cego. Guiado por um bêbedo, o homem despencou de uma altura de quatro metros. Desfalecido e ensangüentado, permaneceu horas debaixo do viaduto da Central do Brasil. Ninguém foi auxiliá-lo.

Quando soube do acidente, Chico apressou-se a socorrer o cego. Alugou um quarto num velho pardieiro, para o homem se recuperar, e conseguiu que um médico receitasse de graça. Mas essas providências eram insuficientes. O doente precisava de enfermagem.

À noite, após o trabalho, Chico velava o sono do cego. Durante o dia, porém, o homem ficava sozinho. Chico resolveu então publicar um anúncio no jornal semanal da cidade pedindo auxílio. Seis dias depois, duas conhecidas prostitutas se ofereceram para cuidar do enfermo de dia.

A recuperação do cego durou um mês. Concluída a missão, as duas mulheres anunciaram a Chico sua resolução de mudar de vida:

"Você e suas preces modificaram nossas vidas. Vamos nos mudar para Belo Horizonte e procurar trabalho honesto."

Uma delas conseguiu colocação numa tinturaria, morrendo alguns anos depois. A outra tornou-se enfermeira, e talvez ainda esteja viva.

⁂

Aos poucos, Chico foi aperfeiçoando sua faculdade de psicografia. Numa reunião realizada em janeiro de 1929, no Centro Luís Gonzaga, dona Carmen Perácio teve uma visão simbólica da futura *missão,* como dizem os espíritas, de Chico.

"Afirmou nossa irmã que vira muitos livros em torno de mim, trazidos por amigos desencarnados. Eu não tinha qualquer pensamento a respeito do assunto..."

As mensagens psicográficas, porém, se multiplicavam. Em todas elas pregava-se o amor, a compreensão e a tolerância entre os homens. Chico sentiu-se então num dilema. Por que não divulgá-las? Mas publicá-las com o nome de quem? O médium sentia escrúpulos. Afinal, não se tratava de obras suas.

Em conversa com o irmão José Cândido, e alguns amigos de Pedro Leopoldo, estes mostraram-se favoráveis à publicação. Mas, para dissipar as dúvidas, resolveram escrever para o *Aurora,* um jornal espírita do Rio de Janeiro, expondo o problema. Assinar ou não assinar? Inácio Bittencourt, diretor da publicação, respondeu que não via nenhum inconve-

niente em publicar aquelas páginas com o nome do médium. Ninguém poderia afirmar se eram ou não de Chico.

Foi a partir daí que o nome F. Xavier (como Chico assinava) começou a figurar em várias publicações, assinando sobretudo poesia. Seus trabalhos apareciam no *Jornal das Moças* e no Suplemento Literário de *O Jornal,* ambos do Rio de Janeiro, e no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro,* editado em Portugal.

Chico recorda-se com especial carinho de um poema psicografado por esta época:

"Lembro-me de um soneto intitulado Nossa Senhora da Amargura. *Se não me engano, foi publicado no* Almanaque de Lembranças, *de Lisboa, na edição de 1931. Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim o Espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pediu papel e lápis, e escreveu o soneto a que me referi. Ela chorava tanto ao escrevê-lo, que eu também comecei a chorar, de emoção, sem saber, naquele momento, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus."*

Mais tarde, através de Emmanuel, Chico soube que se tratava do Espírito de Auta de Souza.

O soneto, com a assinatura de Chico, foi enviado a Portugal por José Cândido. Meses depois, o médium recebeu uma carta altamente elogiosa de um dos colaboradores do *Almanaque.*

"Recebi elogios por um trabalho que não me pertencia."

A esta altura, a mediunidade psicográfica de Chico já fluía com a desenvoltura, o frescor e a limpidez da água de um riacho brotando da terra. Não mais sentia aquela pressão alucinada na cabeça e nem o enrijecimento doloroso do braço. Aprendera a se entregar, a não criar resistências.

"Estou habituado a ser o instrumento passivo da vontade espiritual. Já não me canso e, depois de receber as mensagens, continuo no mesmo estado físico e psicológico em que me achava antes."

* * *

O médium achava-se apto a sintonizar com os mais diversos tipos de sensibilidade. Foi então que o Espírito de Emmanuel tornou-se seu guia. O primeiro encontro dos dois ocorreu em fins de 1931. Uma tarde, o médium descansava debaixo de uma árvore, próximo a um açude, na saída de Pedro Leopoldo, quando viu um Espírito aproximar-se. Vestia uma túnica semelhante à dos padres, e indagou se ele, Chico, estava resolvido a utilizar sua mediunidade na difusão do Evangelho de Jesus. Chico assentiu, perguntando se Emmanuel o achava em condições.

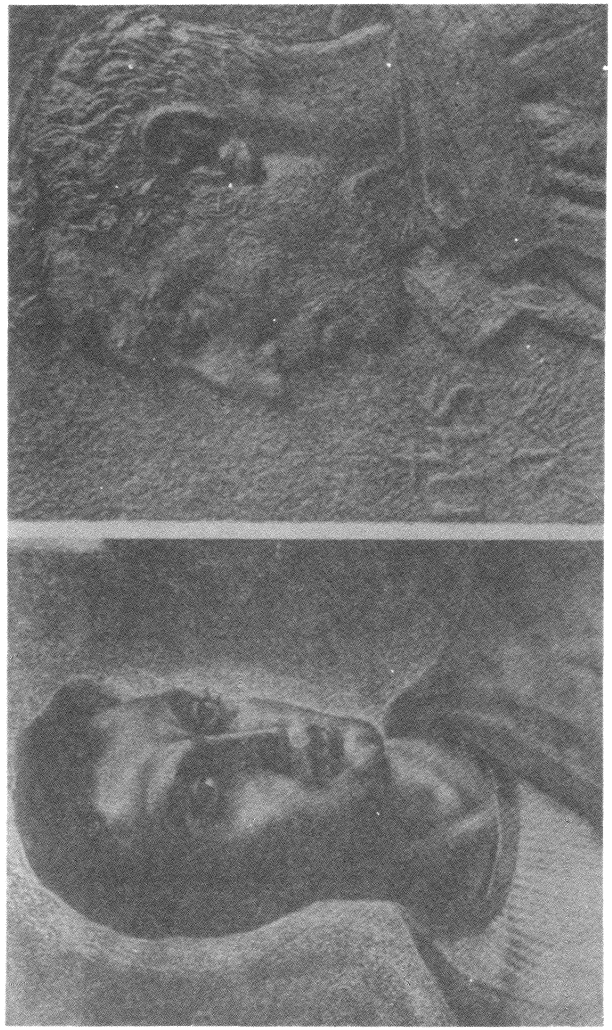
"Perfeitamente. Desde que você procure respeitar os três pontos básicos para o serviço: 1º - disciplina; 2º - disciplina; e 3º - disciplina."

Nas cercanias deste açude, que faz parte da bela paisagem da cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, Chico Xavier teve sua primeira visão de Emmanuel. Foi durante uma pequena reunião de preces, ao ar livre, em 1931.

Segundo Chico, a última encarnação de Emmanuel fora como o jesuíta Manuel da Nóbrega, um dos fundadores da cidade de São Paulo. Há dois mil anos, Emmanuel vivera em Roma. Chamava-se Publius Lêntulus e era senador. Pouco depois, reencarnou como escravo. Cristão, morreu na arena, dilacerado pelas feras, aos gritos de prazer da nobreza ociosa que cercava os césares.

"Desde que Emmanuel assumiu o comando de minhas faculdades, tudo ficou mais claro, mais firme. Ele apareceu em minha vida mediúnica assim como alguém que viesse completar a minha visão real da vida."

Neste mesmo ano de 1931, Chico psicografou o primeiro poema com a assinatura de um morto: Casimiro Cunha. Seria praticamente impossível que



Segundo Chico, a última encarnação de Emmanuel, seu guia espiritual, fora como o jesuíta Manuel da Nóbrega. Há 2 mil anos, vivera em Roma e era senador. Depois, reencarnou como escravo. Cristão, morreu na arena.

o moço de Pedro Leopoldo conhecesse o poeta fluminense, àquela altura esquecido em sua própria terra. Cego desde os 16 anos, Casimiro Cunha (1880-1914) nascera, vivera e morrera em Vassouras.

Em seguida, foram surgindo poemas assinados por figuras da mais alta cotação na bolsa literária das letras brasileiras e portuguesas: Castro Alves, Alphonsus de Guimarães, Olavo Bilac, Antônio Nobre, Fagundes Varela, João de Deus, Guerra Junqueiro, D. Pedro II, Raimundo Correa, Casimiro de Abreu, Júlio Diniz, Cruz e Souza e muitos outros.

Castro Alves

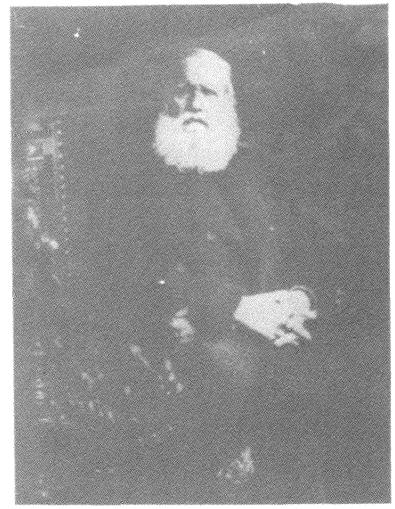
O fato repercutiu de imediato na pequena Pedro Leopoldo. Por essa época, Chico achava-se no enterro de um amigo, quando um jovem padre aproximou-se dele e indagou:

"Chico, andam dizendo que você recebe mensagens do outro mundo..."

"É verdade, sinto que alguém se apossa de meu braço para escrever as mensagens."

"Pois acautele-se. O Espírito das trevas tem muita astúcia para seduzir para o mal."

"Mas os Espíritos que se comunicam através de mim só ensinam o bem."



D. Pedro II

"Vejamos, então. Estamos no cemitério, acompanhando um amigo morto. Será que há por aqui algum Espírito desejando escrever?" – desafiou o padre, puxando um papel em branco do bolso.

Chico, sem hesitar, apanhou o papel. Concentrou-se e, minutos depois, escreveu um soneto, intitulado *Adeus.* Desta vez, a poetisa assinara: Auta de Souza. Eis o poema:

O sino plange em terna suavidade,
No ambiente balsâmico da igreja;
Entre as naves, no altar, em tudo adeja
O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;
E a alma que regressou do exílio beija
A luz que resplandece, que viceja,
Na catedral azul da imensidade.

"Adeus, Terra das minhas desventuras...
Adeus, amados meus..." – diz nas alturas.
A alma liberta, o azul do céu singrando...

– Adeus... – choram as rosas desfolhadas,
– Adeus... – clamam as vozes desoladas
De quem ficou no exílio soluçando...

* * *

Contam que, entusiasmado com os poemas que psicografava, Chico resolveu mostrá-los a um escritor, bastante popular à época em Minas, e que se achava de passagem por Pedro Leopoldo. O brilhante intelectual foi arrogante e implacável, e classificou Chico de *besta.*

No ano seguinte, 1932, Manuel Quintão, da Federação Espírita Brasileira, reuniu todas aquelas poesias em livro, com um título que, por si só, já era um achado e um chamariz: *Parnaso de Além-Túmulo.* A repercussão foi explosiva. Caíra uma bomba bem no meio da aldeia literária brasileira.

Olavo Bilac

Jornais do Rio de Janeiro e de São Paulo enviaram repórteres e fotógrafos a Pedro Leopoldo, a fim de apresentar ao país aquele

misterioso caipira de apenas 22 anos, que emergia do anonimato com uma aura de gênio e mistificador. Os intelectuais reagiram de maneira diversa e contraditória. João Dornas Filhos arrasou o capiau pretensioso, que teve a audácia de poetar, utilizando o nome alexandrino de Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac.

Monteiro Lobato achava que, se Chico havia escrito tudo aquilo por conta própria, merecia entrar para a Academia de Letras.

"Se Chico Xavier produziu tudo aquilo por conta própria, então ele merece ocupar quantas cadeiras quiser na Academia Brasileira de Letras." (Monteiro Lobato.)

"Deve haver algo de divindade no fenômeno Francisco Xavier. O milagre de ressuscitar espiritualmente os mortos pela vivência psicográfica de inéditos poemas é prodígio que somente pode ocorrer na faixa do sobre-humano." (Menotti del Picchia.)

Falou-se, então, muito em Paul Reboux, que numa série de livros intitulados *À la Manière de...* pastichava os principais escritores franceses, de Racine a Flaubert, de Zola a Mallarmé, de Victor Hugo a Gide.

Quem analisou melhor a questão foi R. Maga-

lhães Júnior, a propósito da quarta edição do *Parnaso,* em 1944. O cronista lembrou a facilidade com que uma pessoa afeita a escrever se impregna dos tiques literários de um escritor, lido durante um certo tempo, sem que essa leitura se misture a outras. E argumentava: "Quem ler durante 60 dias, noite e dia, dia e noite, apenas Euclides da Cunha, escreverá no estilo de Euclides sem notável esforço, sem fazer uma ginástica mental muito dura."

R. Magalhães Jr. dizia que, se Chico Xavier era embusteiro, era um embusteiro de gênio.

Na realidade, esse argumento é um pau de dois bicos, pois o que se vê é exatamente o imitador reproduzir os cacoetes e vícios do pastichado, sem atingir-lhe as qualidades. Magalhães frisava que a imitação exigia cultura, lógica na seleção dos assuntos e na exposição das idéias. Desta forma, somando-se tudo que se argüía contra o médium mineiro, o cronista concluía que "se Chico Xavier é um embusteiro, é um embusteiro de gênio".

O que mais surpreendeu a Magalhães, porém, foram certas quadrinhas atribuídas a Antônio Nobre, que traziam "uma forte marca de identificação, parecendo mesmo sopradas ao ouvido de Chico Xavier". Como esta: *"Ó figuras de velhinhos/Que andais dormitando ao léu!.../Como são belos os linhos/Que vos esperam no céu!"*

As críticas mais ásperas vieram, como era de se esperar, de católicos. O padre Júlio Maria, da cidade mineira de Manhumirim, em seu jornal *O Lutador,* arrasou Chico. Com ironia, dizia que o médium devia de ter uma pele de rinoceronte para suportar tantos Espíritos. As acusações se repetiram com tanta violência que Chico acabou adoecendo, dominado pelo desânimo. Levantou-se, de ânimo redobrado, após uma severa repreensão de Emmanuel. E, durante 13 anos, teve de suportar os ataques arrebatados do Padre Júlio Maria que, caprichosamente, lhe enviava todos os números de *O Lutador.*

* * *

Em janeiro de 1933, pouco após o lançamento do *Parnaso de Além-Túmulo,* Chico continuava trabalhando no pequeno armazém de José Felizardo. O salário era minguado e Chico tinha um outro suplício diário: servir cachaça.

Foi então que recebeu a visita do Dr. José Álvaro Santos, poeta residente em Belo Horizonte. Lera o livro de Chico e desejou conhecê-lo pessoalmente.

A família Xavier morava então, segundo as palavras do próprio Chico, *"numa casa pequenina e prestes a cair".* A família, numerosíssima. Chico trabalhava das sete da manhã às oito da noite, atendendo

no balcão ou entregando mercadorias a domicílio. O salário era de 40 mil-réis.

José Álvaro comoveu-se com a situação da família. Em conversa particular, com João Cândido, disse que gostaria de obter um bom emprego para Chico na capital do Estado. Mas, para isso, o rapaz teria de acompanhá-lo, a fim de se enfronhar aos poucos no ambiente belo-horizontino. Chico deveria permanecer três meses com o novo amigo, tentando arranjar colocação.

Pela manhã, João Cândido chamou o filho de lado e falou-lhe a respeito das perspectivas que surgiam de melhoria de vida. Era uma excelente oportunidade para melhorar a condição econômica da família, muito precária.

Chico nada respondeu. À noite, no momento de rezar, pediu a opinião de Emmanuel. O Espírito esclareceu-lhe que o plano era impróprio e que ele deveria continuar trabalhando na venda, pois "o amparo de que precisávamos viria do Alto no momento oportuno".

Chico resolveu não se afastar de casa. No dia seguinte, porém, o pai voltou a insistir. Não seria justo negar-se a auxiliar a família. Sensibilizado, o rapaz solicitou novo conselho a Emmanuel. A resposta veio direta:

"A tentativa é inoportuna e desaconselhável, mas não desejamos que contraries teu pai. Já que a situação se mostra assim tão difícil, podes perfeitamente seguir para Belo Horizonte, onde ganharás

conhecimentos e experiências de que muito necessitas. Não abandones a prática da oração. Estaremos contigo através da prece."

A partir desse conselho, as coisas se apressaram. João Cândido obteve para o filho uma licença de três meses no armazém. Em companhia de José Álvaro, Chico partiu para Belo Horizonte, cidade que ainda não conhecia. Ficou hospedado numa chácara, próxima ao bairro da Gameleira, de propriedade de um médico.

Iniciava-se uma nova experiência para Chico. Logo, tornou-se íntimo da família de José Álvaro, vindo a conhecer vários intelectuais mineiros de renome.

"Achei-me de improviso num ambiente que eu não conhecia. Muitos livros e elevadas conversações literárias. O meu protetor me apresentava na condição de médium do Parnaso de Além-Túmulo *e as visitas, segundo creio, julgavam que eu fosse pessoa de muita cultura. Eu, naturalmente, ouvia as conversações em silêncio ou respondia a essa ou àquela pergunta por monossílabos. Não sabia eu, então, cousa alguma sobre os autores, principalmente europeus, que eram citados nas palestras. Lembro-me que falavam muitas vezes sobre trabalhos de Crookes e Richet, quando se referiam a investigadores da mediunidade, e comentavam poesias e trabalhos de Baudelaire, Musset e outros poetas cujos nomes não guardei na lembrança, além de vários poetas brasileiros como Bilac, Alberto de Oliveira, Augusto dos Anjos e Cruz e Sousa. Pelo tom das palestras, eu percebi*

que a maior parte dos visitantes me supunha o autor do Parnaso. *Como eu receava cometer disparates, em meio de amigos tão cultos, permanecia quase que em absoluto silêncio."*

Mas o tempo passava e nada do prometido emprego surgir. Apesar de recorrer a vários amigos seus, José Álvaro não conseguia colocação para Chico. Por seu lado, esgotados os três meses, Chico não mais podia esperar.

Em março, quase findo o prazo dos três meses, Chico resolveu voltar a Pedro Leopoldo. José Álvaro iria para a sua casa, em Lagoa Santa. O médium resolveu acompanhá-lo. Ali ficou esperando condução para Vespasiano, de onde tomaria o comboio da Central do Brasil para Pedro Leopoldo.

Enquanto aguardava a condução, em Lagoa Santa, Chico foi procurado por dois amigos. Um deles disse que o emprego em Belo Horizonte sairia em breve. Estavam sendo providenciados, também, recursos para que ele pudesse aprimorar sua educação. E haveria outras vantagens, beneficiando toda a família. Chico exultou. Foi então que o amigo lançou a ducha fria: para conseguir o emprego, ele deveria renunciar ao Espiritismo e declarar de público que o *Parnaso* era obra sua. Chico negou com veemência, explicando de que forma os Espíritos haviam escrito os poemas através de suas mãos.

O amigo sorriu, e perguntou com um ar de desafio:

"Você conhece um passarinho chamado sofrê?"

Chico respondeu que não.

"O sofrê é um pássaro que imita os outros. Você nasceu com a vocação desse passarinho entre os poetas. Não acredite em Espíritos. Esses poemas que você julga psicografar são seus, somente seus."

Entristecido com o ceticismo do outro, o médium pensou em Emmanuel, e imediatamente ouviu uma voz a seu lado:

"Volte a Pedro Leopoldo e vamos trabalhar. Você não é um sofrê, mas precisa sofrer para aprender."

E Chico voltou para o armazém de Zé Felizardo, para cortar lingüiça, vender cachaça, fazer entrega de mercadorias a domicílio. A temporada, no entanto, foi breve. Pouco depois ingressava na antiga Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, órgão do Ministério da Agricultura, no cargo de auxiliar de serviço.

O posto do Ministério da Agricultura ficava a dois quilômetros da cidade. Certo dia, quando se dirigia ao trabalho de charrete, Chico recebeu a notícia da morte do ex-patrão, Zé Felizardo. Seu Juca, como era conhecido, morrera na miséria. Sem armazém e sem dinheiro. Não lhe sobrara sequer um mísero centavo para comprar um caixão. O corpo seguiu para o cemitério como indigente, num rabecão da Prefeitura.

Comovido, Chico saltou da charrete e saiu de casa em casa, solicitando alguma contribuição para o enterro do velho amigo. Um mendigo cego lhe deu

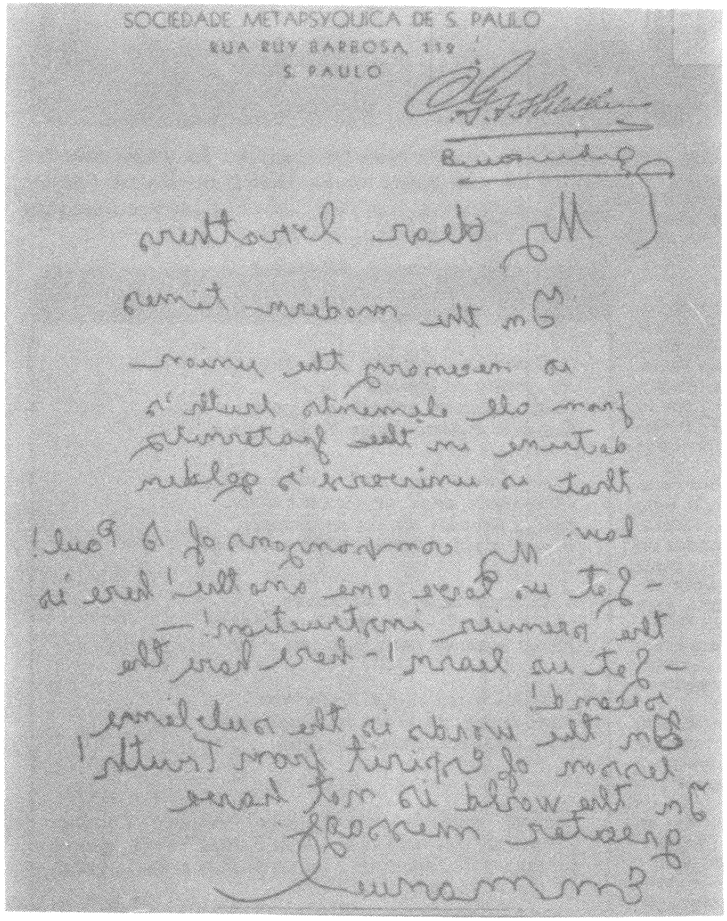
Em Pedro Leopoldo, na Fazenda Modelo, do Ministério da Agricultura, localizada a dois quilômetros da cidade, Chico Xavier recebe a visita de uma confreira do interior paulista, acompanhado de um colega do serviço público.

toda a féria do dia. Logo, a cidade inteira comentou aquela estranha peregrinação. Desta forma, Chico pôde comprar um caixão decente para o amigo e acompanhar seu corpo até o cemitério. Seu pai e os irmãos, que antes tentaram demovê-lo da idéia, acabaram se emocionando e acompanhando também o enterro.

CAPÍTULO III

FAMA E HUMILDADE

Aos poucos, Pedro Leopoldo tornou-se a meca do Espiritismo brasileiro. As romarias sacudiram a vida pacata da cidade. Pelas ruas, onde ainda se ouviam o chiado dos carros de boi e o cincerro das tropas de mulas, rodavam automóveis do último tipo.



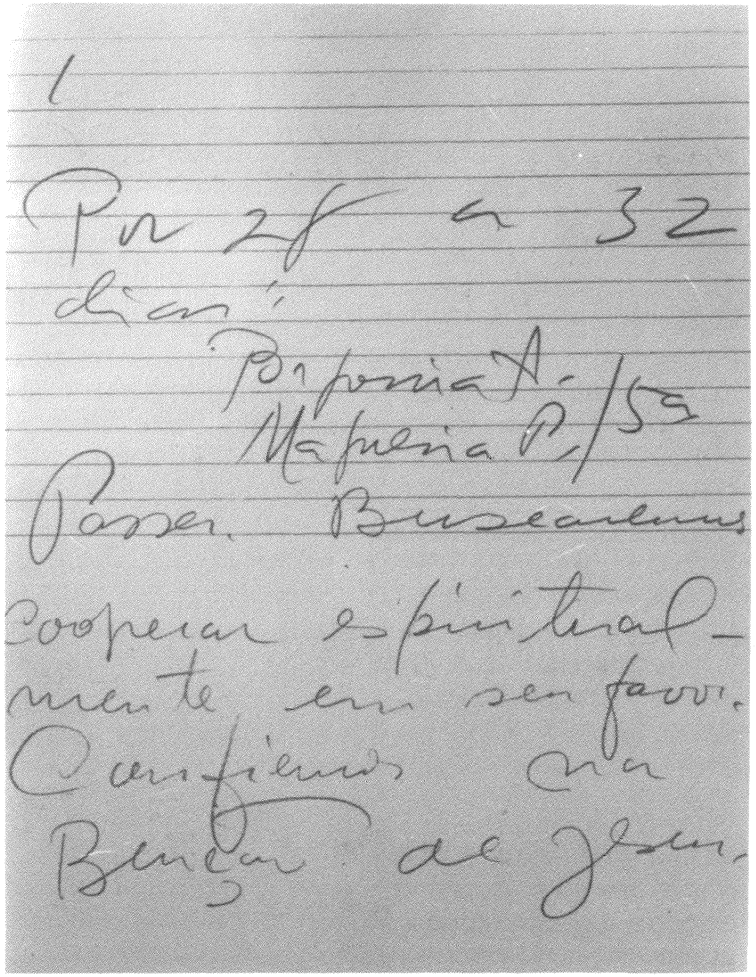
Sua psicografia apresentava fenômenos raríssimos, como a xenografia (escrever em idioma que o médium ignora) e a escrita invertida (mensagem escrita ao inverso, da direita para a esquerda, legível ao espelho ou contra a luz). Esta mensagem do Espírito de Emmanuel, em inglês, recebida na noite de 29 de março de 1937, na sede da Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, em papel timbrado da própria Sociedade, previamente rubricado com duas assinaturas, foi um fenômeno duplo, de xenografia e de escrita invertida.

Gente de todo o país, inclusive do exterior, se desloca àquela perdida região das Gerais, desbravada séculos antes pelo bandeirante Fernão Dias Paes em sua busca de ouro. Os novos bandeirantes, espichados nas poltronas de seus carros ou sentados nos bancos dos velhos trens da Central, iam em busca de outro ouro, que o tempo não desgasta e o ladrão não rouba.

A responsabilidade de Chico aumentou. Para atender a todos, multiplicou-se. Nas sessões públicas, psicografava cerca de 700 receitas. A maioria delas, ditada pelo Espírito do médico Bezerra de Menezes. Todas prescrevendo tratamento homeopático. Sua psicografia apresentava fenômenos raríssimos, como a xenografia (escrever em idioma que o médium ignora) e a escrita invertida (mensagem escrita ao inverso, da direita para a esquerda, legível ao espelho ou contra a luz).

O fato de psicografar poemas e crônicas de alguns dos principais escritores brasileiros falecidos criou fortes laços entre o médium e os intelectuais. Alguns procuraram conhecê-lo, não escondendo a sua admiração, como o fez Olegário Mariano. Também a crítica, através de seus principais representan-

Tristão de Athayde foi um dos críticos a se deter na análise dos livros de Chico.



Receita psicografada em reunião pública, prescrevendo tratamento homeopático (Bryonia a. e Magnésia p., 5ª), e com a orientação: "Passes. Buscaremos cooperar espiritualmente em seu favor. Confiemos na Bênção de Jesus."

tes à época, Tristão de Athayde e Álvaro Lins, detiveram-se na análise dos livros de Chico. Mas havia também os críticos implacáveis, como o ferino Osório Borba. O autor de *A Comédia Literária* não perdia ocasiões de desancar Chico.

O bicho-homem, porém, é estranho. E sempre acaba irremediavelmente fascinado por aquilo que persegue. O cético Osório Borba, que considerava aquilo tudo uma brincadeira, acabou se interessando pelo fenômeno. E, certo dia, anonimamente, assistiu a uma sessão no Centro Espírita Luís Gonzaga. Viu e não se convenceu. Mas, apresentado a Chico, convenceu-se de sua absoluta honestidade.

"Falou-me com bondade que continuava não acreditando que os Espíritos escrevessem por mim, e que toda a produção que eu alegava receber do Mundo Espiritual era coisa minha mesmo. Mas me disse que acreditava em minha sinceridade e que eu não enganava os outros porque desejava, mas sim porque era vítima de fenômenos ainda pouco estudados."

⁂

A 30 de julho de 1937, Chico teve oportunidade de exibir seus dons de psicografia a Agripino Grieco. Católico convicto, admirador da Igreja e de seus grandes santos, Grieco era também um crítico implacável, não deixando passar ocasião para fazer uma frase sarcástica, ou apenas irônica. Temor de certos

escritores que só ajeitavam o nó da gravata diante daqueles espelhos de aumento.

Agripino Grieco, implacável, foi convencido a ver para crer no fenômeno da psicografia.

Naquela data, Chico encontrava-se em casa do professor Cícero Pereira, à Rua Bonfim, 360, em Belo Horizonte, quando foi procurado por um amigo, Bady Curi. Este disse que Agripino Grieco estava à sua espera, pois desejava vê-lo em atividade psicográfica. Chico ponderou que não se devia forçar ninguém a acreditar nos fenômenos mediúnicos. Mas o amigo insistiu tanto, que a recusa se tornou impossível.

Com a mesma habilidade, os amigos de Chico seduziram o crítico e o encontro deu-se num Centro na capital mineira. Salão lotado. Grieco sentou-se ao lado do médium, que não lhe deu nenhuma impressão de inteligência fora do comum. "Um mestiço magro, meão de altura, com os cabelos bastante crespos e uma ligeira mancha esbranquiçada num dos olhos", observou.

O orientador do trabalho solicitou que Grieco rubricasse 20 folhas de papel destinadas à escrita do médium. Logo, "com uma celeridade vertiginosa", o

lápis de Chico deslizou pelo papel, "com uma agilidade que não teria o mais desenvolto dos escrivães de cartório".

À medida que as folhas iam sendo preenchidas, sempre em grafia legível, o crítico ia verificando o conteúdo da mensagem. Primeiro, surgiu um soneto atribuído a Augusto dos Anjos. Em seguida, antes mesmo que o médium concluísse a crônica e apusesse a assinatura do Espírito, Grieco já percebera "que estavam em jogo, bem patentes, a linguagem e o meneio de idéias peculiares a Humberto de Campos".

Entrevistado por jornais mineiros, Grieco não escondeu seu aturdimento, respondendo com toda honestidade:

"Se é mistificação, parece-me muito bem conduzida. Tendo lido as paródias de Albert Sorel, Paul Reboux e Charles Muller, julgo ser difícil (isso o digo com a maior lealdade) levar tão longe a técnica do pastiche. Não sei como elucidar o caso. Fenômeno nervoso? Intervenção extra-humana? Faltam-me estudos especializados para concluir."

A entrevista de Grieco teve intensa repercussão, mas crítico e médium nunca mais se viram, cada um seguindo seu rumo.

* * *

Em 1940, Chico Xavier adoeceu gravemente. O diagnóstico médico previu um ataque de uremia para qualquer momento. Caso a retenção da urina persistisse por mais 24 horas, o médium poderia sofrer um

colapso e morrer. Resignado, Chico preparou-se para partir em paz, rezando para que Emmanuel o recebesse no Além.

Chico admitiu que desejava desencarnar, e que Emmanuel, percebendo-lhe a intenção, respondeu:

"Não posso auxiliá-lo, Chico. Tenho muito o que fazer. Mas se você acha mesmo que chegou a sua hora, então recorra aos amigos do Luís Gonzaga. Você não é melhor que ninguém."

Dias depois, o médium recuperou-se. Mas a lição ficou.

* * *

Os livros foram se sucedendo. Poucos escritores brasileiros conseguiam vender tanto quanto Chico. Mas ele não ficava com um centavo. Os direitos autorais integrais eram destinados às obras assistenciais da Federação Espírita e instituições de caridade.

Durante a psicografia, aconteciam fenômenos curiosos. Em julho de 1941, ao concluir a psicografia de *Paulo e Estêvão,* romance de Emmanuel, Chico dizia que *"os benfeitores espirituais me permitiram contemplar quadros do Mundo Espiritual".*

O mesmo fenômeno se repetiria dois anos mais tarde, quando o médium psicografava *Nosso Lar,* atribuído ao Espírito de André Luiz. O livro, que conta a vida numa colônia de Espíritos próxima à Terra, é um dos grandes *best-sellers* de Chico.

Pois bem, em agosto de 1943, quando estava psicografando *Nosso Lar,* conta Chico que, em companhia dos Espíritos de Emmanuel e André Luiz, viajou até as regiões suburbanas do local descrito no livro.

"Esse acontecimento se deu, não por merecimento de minha parte, mas para que, em minha ignorância, eu não entravasse o trabalho de André Luiz por meu intermédio, de vez que eu estava sentindo muita perplexidade no início da psicografia do primeiro livro dele."

Entusiasmado com sua mediunidade, Chico Xavier decidiu estudar o fenômeno da psicografia em si mesmo. O médium achava que poderia prestar uma cooperação valiosa aos estudiosos. Durante algum tempo, ficou matutando sobre o assunto. Um dia, decidido a pôr logo mãos à obra, resolveu consultar seu guia.

"Perguntei a Emmanuel o que ele pensava. E ele me respondeu: 'Se a laranjeira quisesse estudar pormenorizadamente o que se passa com ela, na produção de laranjas, com certeza não produziria fruto algum. Não queremos dizer, com isso, que o estudo para assuntos de classificação em mediunidade deva ser desprezado. Desejamos tão-só afirmar que, assim como as laranjeiras contam com pomicultores e botânicos que as definem, assim também os médiuns contam com autoridades humanas que os analisam pelo tipo de serviço que oferecem. Para nós, o que interessa agora é trabalhar.' "

O médium aceitou o conselho. Pouco depois, veria a sua psicografia discutida, estudada, esmiuçada num tribunal, fato inédito na justiça do mundo ocidental.

* * *

Em 1939, o médium passou a psicografar trabalhos de Humberto de Campos. A viúva entrou na Justiça.

Ao falecer, em 1934, Humberto de Campos era o escritor brasileiro mais popular de sua geração. Na mocidade, escrevera contos fesceninos, adotando o pseudônimo de Conselheiro XX. Com a maturidade, e sobretudo com a doença, tornou-se uma espécie de conselheiro sentimental dos leitores. Suas crônicas, escritas num estilo de linhagem clássica, repletas de alusões histórica e mitológicas, eram disputadas pelos principais jornais da época.

Anos depois, precisamente em 1939, o médium Chico Xavier passou a psicografar trabalhos de Humberto de Campos. Os livros atribuídos ao escritor maranhense se sucediam: *Reportagens de Além-Túmulo; Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho; Novas Mensagens* e outros. Morto, Humberto

vendia tanto, ou talvez mais, do que quando estava vivo. Passavam-se os anos e a família do escritor nada reclamava.

Um dia, talvez estimulada pelo enorme sucesso dos livros atribuídos a seu falecido marido, D. Catarina Vergolino de Campos ingressou na Justiça com uma ação declaratória contra a Federação Espírita Brasileira e o médium Francisco Cândido Xavier.

Através de seu advogado, a viúva de Humberto de Campos alegava que para o caso havia somente duas soluções: os livros eram realmente do escritor maranhense ou tratava-se de uso abusivo de seu nome. No primeiro caso, a família teria direito à percentagem na venda dos livros, correspondente aos direitos autorais. No outro caso, tais livros deviam ter sua vendagem impedida e o público esclarecido.

Naquele 1944 cheio de dificuldades, com o mundo inteiro abalado pela II Guerra Mundial, o assunto insólito logo virou manchete. Jornais e revistas descobriam um admirável filão. Gastou-se muita tinta. A imprensa lembrava que se tratava, realmente, de um caso estranho, no qual todos podiam expor suas razões, menos aquele que era causa de tudo. A Justiça não aceitava, obviamente, o depoimento de um morto. E, se aceitasse, estaria reconhecendo a realidade do fenômeno psicográfico.

Enquanto isso, a Federação Espírita Brasileira nomeava para defendê-la o advogado Miguel Timponi, auxiliado por Nelson Martins Paixão e Francisco Nogueira. A minuciosa defesa de Timponi foi reunida

em livro intitulado *O Caso Humberto de Campos. (A Psicografia ante os Tribunais.)*

A Justiça, recusando-se a aceitar os argumentos de D. Catarina de Campos, reconhecia nada haver para levar adiante a ação proposta. Não haveria maneira, pois, de se provar no certo quem era o autor dos livros. Concluindo, o Juiz Dr. João Frederico Mourão Russell decidiu que os direitos de qualquer cidadão começam no seu nascimento e terminam com a sua morte. Desta maneira, não se justifica recorrer à Justiça para reclamar direitos de uma pessoa por fatos ocorridos depois de sua morte.

Para todos os efeitos legais, o autor dos livros atribuídos ao Espírito de Humberto de Campos era o médium Francisco Cândido Xavier. A partir daí, no entanto, como fizera na Terra, o escritor maranhense passou a assinar suas mensagens do Além com um pseudônimo: Irmão X.

* * *

Com o processo, a fama de Chico cresceu. Entrevistá-lo era o sonho de todo jornalista. Mas o médium fora proibido por seu chefe no Ministério da Agricultura de conceder qualquer entrevista. A dupla David Nasser e Jean Manzon, porém, não era de desistir. Resolveram que entrevistariam o homem. E rumaram para Minas.

Ao chegar a Pedro Leopoldo, sentiram que a matéria dificilmente sairia. Resolveram, então, fazer-se passar por norte-americanos. Natividade, piloto do

A dupla Jean Manzon e David Nasser se passou por americana para conseguir uma entrevista com Chico. Mas Emmanuel os descobriu.

avião que os levara até lá, seria o intérprete. Convém observar que, àquela altura, a dupla de jornalistas estava iniciando a sua carreira, sendo ainda ilustres desconhecidos.

Após muita conversa, Chico assentiu. Concluída a longa entrevista, o médium disse:

"Emmanuel quer que eu autografe livros para os senhores."

Já no Rio de Janeiro, David Nasser, que não abrira o livro recebido do médium, comentou com a esposa:

"Ontem, iludimos o Chico."

E narrou a astúcia empregada.

"Iludiram coisa nenhuma – respondeu a esposa. – Olha aqui a dedicatória: *'Ao meu caro David Nasser, com o abraço do Chico Xavier'* ".

Desconcertado, o repórter ligou para o colega

que o acompanhara. O fotógrafo correu, abriu o seu exemplar e lá encontrou a dedicatória: *"Ao meu caro Jean Manzon..."*

A reportagem quase não foi publicada, pois as fotos de Chico eram meio irreverentes. Por fim, saiu, se bem que o repórter omitisse esse fato, sob a alegação de que "a verossimilhança é mais importante do que a verdade".

* * *

Em 1946, Chico adoeceu de novo. O caso era grave. O corpo achava-se debilitado pelos constantes trabalhos. Sentia-se fraco, sem ânimo para nada. O diagnóstico médico era de tuberculose.

Conta Ramiro Gama que, em certa manhã de sol, ao ver o médium tão triste, sentado à porta de casa, Emmanuel pôs-lhe a mão no ombro e disse:

"Procure reagir. Sua enfermidade é tanto do corpo como do Espírito. Não desanime. Se Deus quiser, vai ficar bom. Ao dormir, lembre-se de mim. Vou levar seu Espírito a um lugar muito lindo. Lá, ele será medicado."

Ao deitar-se, Chico não se esqueceu do compromisso com o amigo. Adormecendo, viu-se passeando em Espírito por um jardim maravilhoso, com flores, como nunca vira na Terra.

Lá no fim, sentado num banco e envolto numa luz alaranjada, estava um menino delicado. Emmanuel fez a apresentação. E, para surpresa do médium, o garoto segurou-o no colo com extrema facilidade.

Passou as pequenas mãos luminosas pelo corpo de Chico, acariciou-o, apertou-o de encontro ao peito, e depois lhe disse sorrindo:

"Pronto, está medicado."

No regresso para casa, ainda no espaço, Emmanuel explicou-lhe:

"Você recebeu um remédio de que estava muito necessitado: transmissão de fluidos. *Pela manhã, vai acordar bem melhor, mais forte, sem cansaço e sem febre."*

A partir daí, o médium começou a melhorar, sarando rapidamente.

* * *

Apesar de sua clarividência e de seus constantes diálogos com o Além, muitas vezes Chico Xavier deixou-se surpreender e emocionar pela presença dos mortos. Foi assim com o poeta Jésus Gonçalves. Gravemente doente, Jésus vivia em Pirapitingui, SP. Através de amigos comuns, começou a se corresponder com Chico. No meio da cor-

"Sou Jésus Gonçalves, Chico. Estou cumprindo a minha promessa. Vim vê-lo!"

respondência, enviava-lhe retratos. E dizia que, ao partir da Terra, não deixaria de se comunicar com o médium. E, quando morreu, cumpriu realmente a sua promessa.

Em fevereiro de 1947, chegaram a Pedro Leopoldo, provenientes de São Paulo, dois amigos de Chico: Francisco de Paula Cardoso e o Dr. Raul Soares. Sem programa determinado, os três resolveram reunir-se no Centro Luís Gonzaga, a fim de orar.

Chico sentou-se entre os dois companheiros. Pouco depois, Emmanuel apresentava-se, dava a sua mensagem e despedia-se. O médium ainda se achava concentrado, quando viu a porta de entrada iluminar-se com uma luz suave. Surgiu, então, um Espírito *"em condições admiráveis"*, diz Chico. *"Além da aura de brilho pálido que o circundava, trazia luz não ofuscante, mas clara e bela, a envolver-lhe."*

Pela linguagem universal do pensamento, o médium indagou de quem se tratava. O Espírito aproximou-se e respondeu com voz calma:

"Sou Jésus Gonçalves, Chico. Estou cumprindo a minha promessa. Vim vê-lo!"

Emocionado, o médium começou a chorar de maneira incontrolável. Notando a preocupação dos amigos, Chico, a muito custo, perguntou-lhes se sabiam da morte de Jésus. Ambos desconheciam o fato. O Espírito ditou ainda dois sonetos, no final da reunião. No dia seguinte, os dois amigos seguiram para Pirapitingui, a fim de averiguar o que acontecera

com Jésus. Ao chegar lá, souberam que o poeta havia falecido alguns dias antes.

* * *

Contestado pela Igreja, Chico tornou-se amigo de vários padres, seguidores de um ecumenismo mais largo que o atual, que exclui os espíritas. Certa vez, o médium seguia de ônibus para Belo Horizonte. Na poltrona ao lado, viajava um sacerdote.

Cumprimentaram-se, de acordo com a velha polidez mineira, e, cada um por seu lado, começaram a ler. Em certo trecho da viagem, passaram por um arraial embandeirado. Comemorava-se o dia de São Pedro e São Paulo.

"Que coincidência – comentou o padre. – Imagine o senhor que estou lendo a história de São Paulo, e o autor do livro lhe dá proeminência sobre São Pedro. Não se pode concordar com isso. Jesus entregou as chaves da Igreja a São Pedro."

Chico deu a sua opinião. O diálogo se estabeleceu e o padre ficou surpreso com os conhecimentos teológicos do desconhecido.

"O senhor estudou teologia?"

"Não. Cursei apenas até o quarto ano primário. Mas sou médium..."

"O senhor é o Chico Xavier, de Pedro Leopoldo?"

O padre perguntou se poderia lhe escrever.

Chico anuiu ao seu desejo. Pouco depois, iniciava-se uma correspondência que duraria anos.

* * *

1958. Chico Xavier, *autor* de 61 livros, famoso em todo o mundo, considerado o maior psicógrafo vivo, continuava vivendo na humilde casa térrea em Pedro Leopoldo. Respeitado mesmo pelos que não acreditavam em seus dons mediúnicos. O que ninguém colocava em dúvida era a sua boa-fé, sua admirável honestidade.

Julho de 1958. Jornais de todo o Brasil reproduziam declarações de Amauri Pena, sobrinho de Chico. Amauri era filho de Maria da Conceição, a irmã que conduzira Chico involuntariamente ao Espiritismo. Amauri procurara a redação de um jornal de Belo Horizonte, e ali fizera revelações sensacionais que, segundo uma manchete da época, "desmascaravam Chico Xavier".

Segundo as declarações de Amauri, as obras psicografadas por ele (Camões lhe teria ditado um novo *Lusíadas*), como pelo tio, não passavam de mistificações. E acusava:

"Estou aqui para proclamar alto e bom som que tudo que tenho escrito até agora, apesar das diferenças de estilo, foi criado pela minha própria imaginação, sem que para isso houvesse qualquer interferência de almas do outro mundo, ou qualquer outro fenômeno miraculoso. Assim como tio Chico, tenho uma enorme facilidade para fazer versos, imitando qualquer estilo de grandes autores. Como ele, descobri isso muito cedo. Tio Chico é inteligente, lê muito e, com ou sem auxílio do outro mundo, vai continuar escrevendo seus versos e seus livros."

A imprensa explora fartamente as declarações de Amauri. Chico Xavier evitou qualquer alusão ao assunto. Algum tempo depois, seu sobrinho morreu, em plena loucura. Deixara de trabalhar e começara a beber sem medida. Numa das raras vezes que se dispôs tocar no assunto, Chico admitiu que Amauri fizera aquele escândalo todo motivado pelo dinheiro.

* * *

De qualquer maneira, abandonou Pedro Leopoldo. Levou apenas a roupa do corpo. Na pequena casinha ficam todos os seus objetos, cerca de 200 livros, discos de música clássica e popular. Na parede da sala, o retrato de Emmanuel. A convite de amigos, segue para Uberaba.

Chico prefere dizer que a verdadeira causa de sua transferência para o Triângulo Mineiro foi a precariedade de sua saúde.

"Em princípios de 1958, comecei a sofrer de uma labirintite, que me incomodava bastante. Muito barulho nos ouvidos e dores da cabeça. Bezerra de Menezes, nosso benfeitor espiritual, tratou-me com dedicação. E recomendou-me que procurasse um especialista. Recorri, então, ao Dr. Costa Chiabi,

otorrinolaringologista com consultório em Belo Horizonte."

Por duas vezes, Chico viajou para Angra dos Reis, no Estado do Rio de Janeiro, em busca de mudança de clima e restabelecimento na praia. Melhorou. Mas não como precisava. Dizia que os amigos espirituais aconselharam-no a procurar um clima temperado. Pedro Leopoldo é bastante fria durante a maior parte do ano.

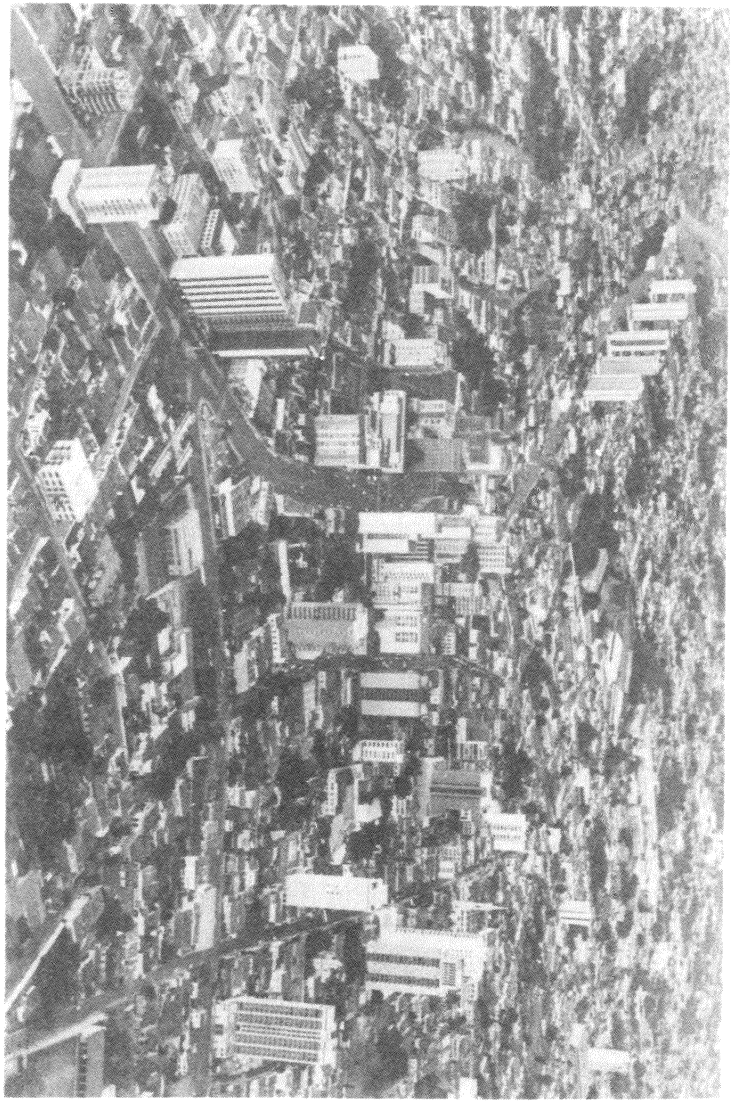
Foi então que surgiu o convite do médico e médium Waldo Vieira para se fixar em Uberaba.

Uberaba, cidade tradicionalmente católica, sede de bispado, já era uma velha conhecida do médium. A primeira vez que Chico a visitou foi em 1937, como integrante da comitiva do Dr. Rômulo Joviano, que levava àquela cidade planos para a construção de um parque, autorizado pelo então ministro da Agricultura, Dr. Fernando Costa. Muitas vezes voltaria a Uberaba, no cumprimento de suas funções, quando das exposições pecuárias, ali realizadas anualmente em maio.

Agora, neste início de 1959, Chico Xavier vinha para ficar. A acolhida não podia ser mais calorosa. Os amigos procuraram todos os meios para facilitar a adaptação do médium ao seu novo ambiente. Com sua humildade, Chico vai morar numa pequena casa. Pouco depois, começou a colaborar na construção da Comunhão Espírita Cristã.

Iniciava-se uma nova etapa em sua vida. Pedro Leopoldo era o passado. Uberaba era o presente e o futuro, a terra que lhe dava oportunidade de *"renascer para as tarefas da presente reencarnação"*. Por isso, o médium, sem esquecer sua cidade natal, sempre se mostrou agradecido a Uberaba:

"Tenho motivos especiais para amar sempre e cada vez mais esta cidade que me acolheu com tanta bondade humana. Em minhas preces, rogo a Deus que a engrandeça constantemente e sempre mais."



Studio Peixotinho

CAPÍTULO IV

UBERABA, A CAPITAL DO ESPIRITISMO

No final da década de 50 e início dos anos 60, o país vivia em plena euforia de otimismo. A mudança da capital, do Rio de Janeiro para Brasília, acendera em todos um facho de entusiasmo, no qual entrava um acentuado misticismo.

Naquele fato político-administrativo, haveria uma predestinação. Uma espécie de determinação do Além. E a profecia de Dom Bosco era lembrada a três por dois. Para os espíritas, que viam essa tese com especial agrado, tão importante quanto a transferência da capital, fora a mudança de Chico Xavier de Pedro Leopoldo para Uberaba. Mudava-se, também, a capital espírita do Brasil.

Ao contrário da pequenina terra natal de Chico, Uberaba era uma cidade média, com população acima de 100 mil habitantes. E rica. Zona de gado, em vias de se tornar importante centro universitário. Logo, por suas ruas amplas e extensas, começou a se notar um inusitado afluxo de carros de todos os Estados. Uberaba, porém, não era uma Pedro Leopoldo. E o movimento de estranhos se diluía na vida mais ou menos intensa da cidade. Não dava para se perceber grandes diferenças.

Mas, quem se dirigisse para a Rua Eurípedes Barsanulfo, já um tanto afastado do centro, poderia constatar como a cidade estava cheia de visitantes. Naquele endereço, funcionava a Comunhão Espírita Cristã onde, às sextas-feiras, Chico atendia ao público.

O movimento de visitantes foi intenso desde a chegada de Chico, mas, no início, os uberabenses olhavam com indisfarçável curiosidade seu novo e mais famoso habitante. Aos poucos, no entanto, a curiosidade foi sendo substituída por carinho orgulhoso. E, como num reconhecimento à sua simplicidade, o médium passou a ser chamado por todos de Tio Chico.

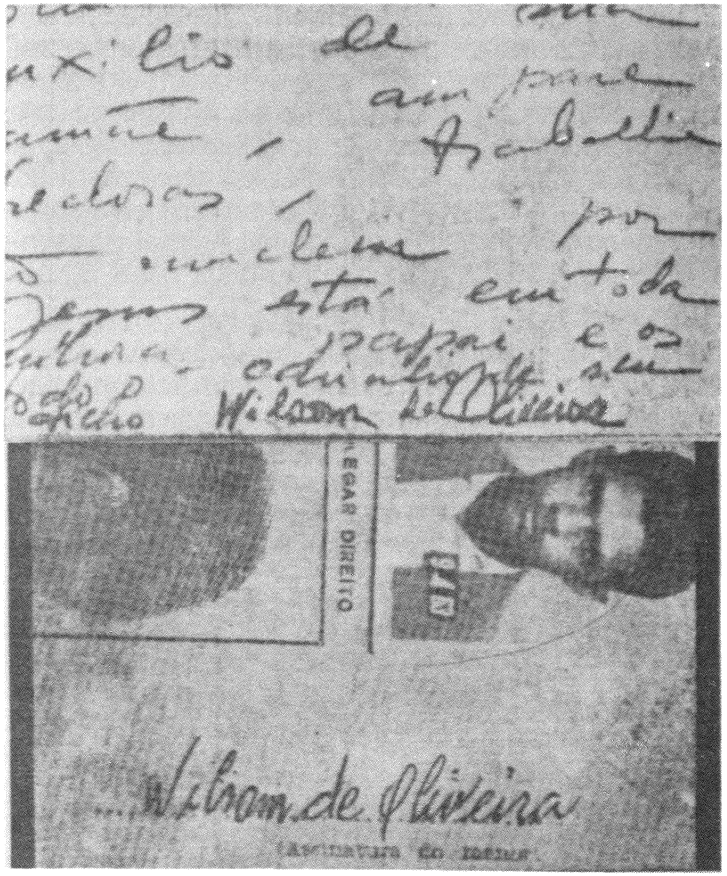
Chico Xavier vivia em Uberaba, com a mesma simplicidade com que vivera quase meio século em Pedro Leopoldo, cumprindo rigorosamente suas obrigações mediúnicas e profissionais. Funcionário exemplar, nunca faltou ao serviço. Mas os problemas com os olhos começaram a se acentuar de maneira grave. E, em 1963, após 30 anos de serviços prestados como auxiliar de serviço na antiga Inspetoria Regional do Serviço de Fomento da Produção Animal, aposentava-se na categoria de escriturário, nível 8, por incapacidade.

Aposentado no Estado, manteve-se ativíssimo no serviço espiritual. Continuava psicografando madrugada adentro. Dessa forma, pôde manter a média de publicação de três livros por ano. Sem deixar de atender quem quer que fosse procurá-lo.

* * *

A cidade ganhava um novo motivo para comentários: os casos extraordinários do médium. Como o acontecido com dona Júlia Gomes de Oliveira. Na noite de 28 de junho de 1963, ela se apresentou na sessão da Comunhão Espírita Cristã. Pessoa inteiramente desconhecida em Uberaba, fora até lá em busca do consolo ou orientação para o momento trágico que passava.

Como de praxe, dona Júlia escreveu seu nome e idade numa folha de papel. Assim que pegou o papel, Chico começou a psicografar uma mensagem,



Trecho final da mensagem psicografada de Wilsom de Oliveira e fac-símile da pág. 9 da sua Carteira de Trabalho. Note-se a semelhança das assinaturas. (Do livro *Horas de Luz,* F.C. Xavier, Elias Barbosa, Espíritos Diversos, IDE.)

assinada por Wilsom de Oliveira. Tratava-se do filho de dona Júlia, que, um mês antes, morrera afogado numa represa. Ninguém ali sabia do drama daquela senhora, residente na cidade de Barretos, em São Paulo.

Em sua mensagem, Wilsom procurava tranqüilizar a mãe. Absolvia-a de qualquer culpa, coisa que preocupava bastante a mulher, pois fora ela quem convidara o filho a ir tomar banho na represa. O mais impressionante, porém, se deu com a assinatura que o Espírito do rapaz apôs ao pé da página. A letra era idêntica à de Wilsom quando vivo, o que provocou um incontrolável acesso de choro em dona Júlia. Concluída a sessão, Elias Barbosa, médico e biógrafo de Chico, teve ocasião de comparar a assinatura psicografada com a existente na carteira de trabalho do rapaz, verificando a extrema semelhança entre ambas.

* * *

Como tanta gente, para chegar até o médium, dona Júlia cumprira uma autêntica maratona. O movimento nas proximidades da Comunhão iniciase ao redor do meio-dia, quando começam a chegar os mais precavidos. A fila vai se formando, sob o sol forte do Triângulo. Há gente de todo tipo, cor, condição social. Desesperados, fiéis, *carecidos,* curiosos.

Aos poucos, a confusão vai aumentando, acabando com a tranqüilidade do bairro pacato. Cente-

nas de carros de todos os Estados buzinam, em busca de um local para estacionar. Os guardas apitam, procurando orientar o veículos. Há choro de crianças, lamentos de velhos e doentes, pregões de vendedores. Os quarteirões que circundam a Rua Eurípedes Barsanulfo tornam-se pequenos para conter a multidão, ansiosa para ver e falar com o médium.

Oito horas da noite. Abrem-se, afinal, as portas da Comunhão, um imenso galpão, onde podem caber de 800 a mil pessoas. As imensas filas começam a se deslocar. Empurrões, atropelamentos. Não fosse a presença mágica de Chico e a coisa degeneraria em confusão. Mal entram no salão, porém, o entusiasmo ruidoso se transforma em admiração estática. Chico está sentado na cabeceira de uma mesa comprida. O traje é formal: terno, camisa esporte abotoada, sem gravata. As lentes escuras dos óculos são muito grossas. O homem é feio, mas sorri, sorri sempre, e dele parece irradiar-se uma estranha paz.

A euforia se apossa de todos. Os que estão mais atrás na fila põem-se na ponta dos pés, esticam o pescoço como gansos. Em geral, o calor sufoca. Mas ninguém parece sentir nada. À medida que se aproxima o momento de pegar na mão de Chico, ou beijá-lo, se possível, todos se sentem serenos.

Após a prece e leitura do *Evangelho*, Chico vai para uma saleta sicografar as receitas dadas pelo Espírito de Bezerra de Menezes. Enquanto isso, dona Dalva Borges, auxiliar de Chico, inicia a sessão de palestras. A expectativa domina os

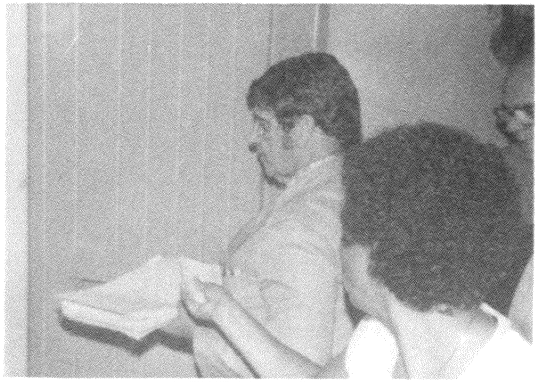
Gaston B. Guglielmi

No Grupo Espírita da Prece, após a prece inicial, Chico Xavier, ao lado da colaboradora Dª Zilda Batista, escolhe os textos do *Evangelho Segundo o Espiritismo* e de *O Livro dos Espíritos*, a serem lidos e estudados na noite.

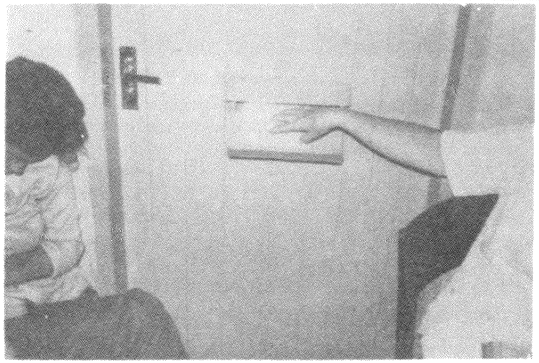
fiéis, ansiosos por receber alguma mensagem do Além.

O burburinho das preces ainda enche o ambiente quando Chico retorna ao salão. Senta-se diante da imensa mesa, tira os óculos e começa a se concentrar.

É feita a leitura dos textos escolhidos. Dª Zilda lê o *Evangelho* e o sr. Waker Batista, à direita de Chico, preside a reunião. Antes do dirigente iniciar a sessão de palestras,...



...Chico vai para uma saleta psicografar as receitas e orientações espirituais, nas próprias folhas de papel onde cada solicitante escreveu apenas seu nome e idade, e...



...essas, à medida que são psicografadas, vão voltando, em pequenos pacotes, por uma abertura da porta da saleta e....

... sendo entregues aos destinatários, no pátio da instituição, pela gentileza de uma colaboradora. O médium retorna ao salão e senta-se diante da imensa mesa. Cobre os olhos com a mão esquerda e, com velocidade espantosa, vai enchendo páginas em branco

Gaston B. Guglielmi

Chico reúne as folhas e passa a ler as mensagens. Os fiéis aguçam os ouvidos. Os destinatários de cartas particulares são chamados à frente, antes da leitura de cada uma delas.

Ouve-se o silêncio. De vez em quando, o espocar do *flash* de algum fotógrafo.

Cabeça baixa, olhos fechados, o médium passa as mãos na testa, como se estivesse dando um passe em si mesmo. Após alguns minutos de concentração, cobre os olhos com a mão esquerda e, com velocidade espantosa, vai enchendo páginas em branco. São mensagens em prosa ou em verso, de conteúdo filosófico ou doutrinário.

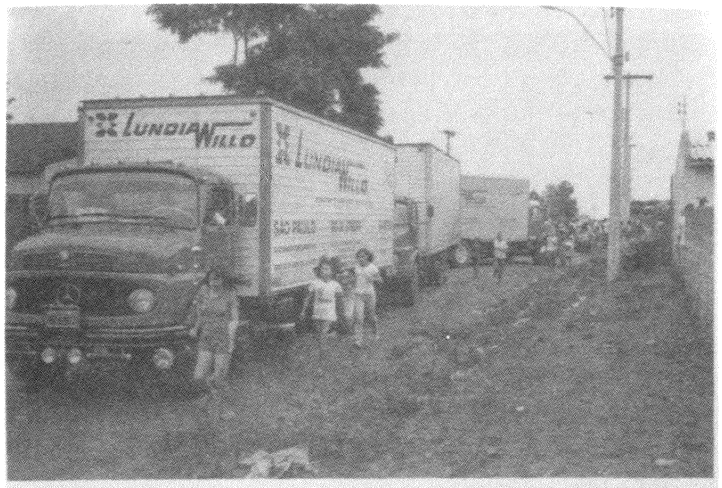
Chico reúne as folhas e passa a ler as mensagens, uma vozinha fina, baixinha. Os fiéis aguçam os ouvidos. São quase onze horas da noite. A reunião já terminou, mas o médium, com sua invencível paciência, fica de pé até as três horas da madrugada. Responde a todos com carinho, distribui abraços e apertos de mão, sorri para ser fotografado.

⁂

Retiram-se os últimos fiéis. E vão comentando casos, acontecidos naquele dia ou antes. Contam que seu Weaker tinha uma mercearia em Anápolis, Goiás, que lhe rendia o suficiente para uma vida tranqüila e farta. Um dia foi a Uberaba, em busca de uma receita para sua mulher, dona Zilda. Ela sarou. E o casal resolveu vender a mercearia e se fixar em Uberaba, trabalhando na Comunhão ao lado de Chico.

Outro, que estava na fila atrás de uma senhora de São Paulo, conta como Chico incorporou o Espírito do filho dela, falecido há algum tempo. E a mensagem do falecido dava detalhes minuciosos sobre a vida familiar, falava em amigos e parentes que também já haviam partido para o Além. E concluía pedindo para a mãe não continuar chorando, pois aquilo o angustiava.

Lembram o caso daquela senhora de Campinas, São Paulo. Desejando ter notícia de um parente, morto havia alguns anos, partiu para Uberaba a fim de falar com Chico. A mensagem recebida fora precisa e minuciosa. Contente, a mulher esperou a sessão terminar. Quando Chico já havia sido cumprimentado por todos os presentes, ela aproximou-se e tentou-lhe dar uma certa quantia. Com humildade, sem afetação, o médium recusou o dinheiro, aconselhando-a que desse a quantia ao primeiro pobre que encontrasse.



Na distribuição de Natal de 1982, grandes caminhões trouxeram, de São Paulo, o material a ser distribuído (gêneros alimentícios, roupas, calçados e brinquedos) a aproximadamente 10.000 necessitados; e a Avenida João XXIII, de Uberaba, ficou totalmente tomada pelo povo que acorreu ao Grupo Espírita da Prece.

No pátio do Grupo Espírita da Prece, a equipe uniformizada de distribuidoras trabalhou das 7 às 15 horas. E Chico Xavier encarregou-se da entrega das notas de Cr$ 100,00.

O desprendimento de Chico, aliás, é absoluto. Há alguns anos, ganhou um relógio todo de ouro. Uma jóia caríssima. Alguns dias depois, foi visitar dona Glória Macedo. Na véspera, ele lhe dera um passe e uma receita, recebida como sempre do Espírito de Bezerra de Menezes. Ao chegar na casa da amiga, viu que ela não apresentava qualquer melhora. Começaram a conversar, e Chico descobriu o motivo: dona Glória não estava tomando o remédio na hora certa, pois não tinha relógio. Ao se despedir, o médium deixou um presente na cabeceira da doente: o relógio de ouro ganho dias antes.

* * *

Os cronistas esportivos exaltam o Brasil como a terra do futebol. O povo diz que Deus é brasileiro. Já os espíritas consideram nosso país como *a terra da Boa Nova*. Daqui estaria destinado a partir um novo conceito de civilização, baseado no amor, mas tendo a filosofia espírita por base. Pode-se duvidar disso. Mas o que ninguém pode negar é a crescente difusão do Espiritismo brasileiro em países vizinhos, como o Uruguai e a Argentina, por exemplo.

Nestes países, também aceita-se a predestinação histórica do Brasil. O número de maio/julho de 1963 da revista argentina *Conocimiento de la Nueva Era* foi inteiramente dedicado ao nosso Espiritismo. Significativamente, intitulava-se *El Milagro Espiritual del Brasil*. Num dos artigos da revista, Humberto Mariotti, então vice-presidente da Confederación Espiritista Argentina, diz:

"De fato, a nação brasileira está representando o mesmo papel histórico desempenhado pela antiga Israel por ocasião da vinda do Cristo. É este fato que nos permite compreender o progresso espiritualista naquele país e a causa da origem de tantos feitos metapsíquicos e mediúnicos que estão comovendo, em primeiro lugar, a ciência positivo-materialista e, em seguida, as diferentes escolas espirituais e religiosas de diversas correntes. Hoje, o Brasil é o país eleito para a Nova Revelação. Dali partem já poderosas irradiações psíquicas que estão influenciando a maioria dos países latino-americanos, como também a América do Norte."

E este fato, segundo o articulista, foi reconhecido pela famosa Helena Blavatski, e confirmado pela International Spiritualist Federation, de Londres e pela *Revue Spirite,* fundada por Allan Kardec. Essa crença seria mais uma vez reafirmada durante a longa viagem empreendida por Chico Xavier em 1965.

Em maio daquele ano, Chico partiu para os Estados Unidos. Viagem de recreio, de difusão e para tratamento de saúde. Com o agravamento do problema na vista, o médium iria unir o indispensável ao agradável, consultando um centro oftalmológico em Nova Iorque e difundindo o Espiritismo à brasileira no Estados Unidos.

Baseado no sadio princípio de que sempre temos algo a ensinar e muito a aprender, Chico e seus companheiros (entre os quais figurava o médium Waldo Vieira), mal chegados aos Estados Unidos, resolveram visitar um Centro Espírita, lá denominado de Templo Espiritualista. Dirigiram-se ao Templo

Espiritualista dos Dois Mundos e, como convinha a desconhecidos que chegavam num ambiente estranho, sentaram-se no último banco.

"Foi uma das experiências que mais me comoveram. Éramos quatro brasileiros, e chegamos sem qualquer aviso prévio à The Church of The Two Worlds, sediada em 3038 Q Street, em Washington. E dirigida pelo médium Ministro Gordon Burroughs. Quando chegamos, o service *estava começando. Ninguém ali nos conhecia."*

No final da reunião, a médium encarregada de transmitir mensagens ao público subiu à tribuna. Começou dirigindo-se ao público. Em seguida, indicou os quatro brasileiros, dizendo que eles, irmãos de um outro país, estavam ali para levar aos Estados Unidos uma tarefa de renovação espiritual e de aproximação fraterna.

"A médium acrescentou que o trabalho iniciado reclamava tempo e sacrifício, mas que deveríamos prosseguir, que não nos faltaria amparo de Jesus e seus enviados."

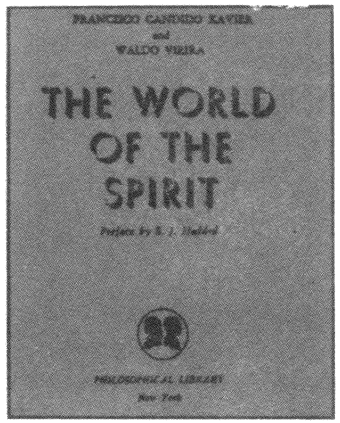
Pouco depois, em transe, a médium anunciava a presença, ao lado dos brasileiros, de um professor e de um médico. Tratava-se dos Espíritos de Emmanuel e André Luiz, cuja presença Chico e Waldo Vieira já haviam captado.

Dias depois, os brasileiros seguiram para a Pensilvânia, onde conheceram o Campo Espiritualista de Silver Belle, e de lá para Nova Iorque, onde foram recebidos no Templo Benéfico Espiritualista e no Templo Espiritualista Universal.

Desde logo, constatou-se a imensa diferença entre o Espiritismo norte-americano e o brasileiro. Ora, parte essencial da missão de Chico e seus companheiros era difundir lá o Espiritismo evangélico, tal como se praticava no Brasil. O kardecismo nos Estados Unidos estava apenas engatinhando. Por isso, Chico e Waldo fundaram em Washington o Christian Spirit Center, destinado a manter os serviços iniciais de difusão da Doutrina Espírita, como é entendida e praticada no Brasil. Nessa infiltração, estaria um primeiro passo rumo à concretização daquela crença que vê o Brasil predestinado a difundir um novo conceito de civilização?

Imediatamente, o Christian Spirit Center iniciou seus trabalhos, dirigindo impressos com mensagens psicografadas no Brasil. Nas sessões realizadas, Chico psicografou várias mensagens em inglês, mais tarde reunidas em livro no Brasil e publicadas com o título de *Entre Irmãos de Outras Terras*.

O fruto mais importante da viagem de Chico, porém, foi o lançamento da tradução norte-americana do *Ideal Espírita*. Editado pela Philosophical Library, de Nova Iorque, com o título de *The World of the Spirit*, numa tiragem de 50 mil exemplares, o livro esgotou-se em me-



Frontispício do livro editado em Nova Iorque

nos de um mês. Logo depois, via edição inglesa, seria traduzido para o árabe. O romance *Paulo e Estêvão,* ditado por Emmanuel, também foi traduzido pouco depois.

O Espiritismo evangélico à brasileira, implantado no Christian Spirit Center, encontraria imediata receptividade nos Estados Unidos. Em Nova Iorque foram fundados dois cultos de Evangelho, e na cidade de Elon College, na Carolina do Norte, surgiria o núcleo mais promissor, graças à dedicação e à extraordinária mediunidade de Mrs. Phyllis Haddad.

O fato mais pitoresco (para a imprensa) da viagem de Chico ocorreu quando o médium psicografou a entrevista realizada pelo Espírito de Humberto de Campos (Irmão X) com Marilyn Monroe, no cemitério Memoriam Park, de Hollywood. Na entrevista, bastante difundida à época, a atriz defendia-se da acusação de suicídio que lhe faziam, fato que parece ter sido confirmado por pesquisas posteriores.

A viagem prosseguiu até a Europa, incluindo no roteiro Portugal, França e Inglaterra, onde Chico e seus companheiros mantiveram contato com espíritas daqueles países. Em seguida, a volta para Uberaba e sua rotina de todos os dias.

***

Uma rotina que, trabalho mediúnico à parte, não difere muito da de milhões de brasileiros. Uma rotina que começa cedo na pequena casa cheia de rosas e bichos. A um repórter que certa vez lhe indagou se gostava de rosas, Chico explicou:

A viagem de Chico prosseguiu até a Europa, incluindo no roteiro Portugal, França (na foto, ele visita a Maison des Spirites, em Paris) e Inglaterra.

"Os Espíritos me pediram que plantasse, ao redor da casa, um certo número de flores. Como gosto de rosas, plantei rosas. Os Espíritos explicam que as flores têm um corpo dinâmico que vai até ao perfume, embora só vejamos as pétalas. O perfume cria uma atmosfera balsâmica, propiciando mais recursos para a permanência dos Espíritos em nosso meio."

Os espíritas acreditam que os animais têm alma. Eles fazem parte da realidade cotidiana de Chico, que muito os estima. Brinquinho, no colo do médium, lembra o inesquecível Dom Negrito, igualmente pretinho, peludo e charmoso.

Cachorros, gatos e coelhos fazem parte da realidade cotidiana de Chico, que muito os estima. Quem se interessa pela doutrina de Kardec sabe que os espíritas acreditam que os animais têm uma alma. Não tão complexa quanto a do bicho-homem, é lógico. Mas destinada também a ascender numa escala infinita de progresso.

Se assim for, o cachorro *Lorde,* que Chico possuía ainda em Pedro Leopoldo, tinha uma alma muito especial. Dizia-se que ele, como seu dono, "possuía até dons mediúnicos". Bastava olhar as pessoas que visitavam Chico, para saber quais os aproveitadores,

os sinceros e os simples curiosos. De acordo com o caso, latia com insistência ou abanava a cauda.

Chico dizia que, na hora da oração matinal, *Lorde* era seu companheiro infalível. Punha as patas dianteiras em cima da mesa, abaixava a cabeça, parecendo rezar em estado de profunda concentração. Nos momentos de prece mais ardente, o cão olhava para Chico com indisfarçada ternura e chegava a chorar.

Houve um outro cachorro, também em Pedro Leopoldo, que deixou muita saudade ao médium. Chamava-se *Dom Negrito.* Era pretinho, peludo, charmoso. Vira-lata *espiritualizado,* freqüentava o Centro São Luís Gonzaga, nas noites de sessão, das oito da noite às duas da madrugada. Nunca faltava, ar concentrado, respeitoso, como se fosse também rezar.

Em certa ocasião, um repórter encontrou em sua casa um coelho. Conversa vai, conversa vem, Chico, demonstrando seu fino humor mineiro, sem malícia e sem grosseria, disse ao jornalista:

"Este coelho não é muito honrado. Outro dia, dois de meus gatos vieram denunciá-lo. Arranharam-me as mãos, praticamente me puxaram até o seu canto. Fui. O coelho estava lhe comendo a ração de carne. Os coelhos são herbívoros. Mas este, estragado pela escravidão, virou carnívoro."

⁂ ⁂ ⁂

Além das rosas e de seus bichos, Chico quase nada possui. Gosta de andar a pé. Sua rotina inclui uma caminhada diária, de casa até a praça principal de Uberaba. Ali, no Bar 1001, toma um cafezinho. Na ótica ao lado, pára e conversa alguns minutos com o proprietário, seu Otávio. Em seguida, ruma para o Correio, em busca da correspondência – mais de 50 cartas por dia.

"Almoço ao meio-dia. Refeição comum do interior do Brasil. Nas horas da tarde, ocupo-me da correspondência usual e em datilografar as páginas escritas pelos Benfeitores Espirituais por nosso intermédio. Isso, depois do trabalho com os Amigos Espirituais, psicografando ou revendo com eles as páginas de autoria deles mesmos, sempre com a assistência de Emmanuel. Aos domingos, dedico-me aos trabalhos de correspondência mais íntima. Durmo sempre depois das duas horas da madrugada. Sem jantar. Deixei de jantar quando completei 40 anos. E minha única noite de folga, aquela que dedico apenas ao descanso de meu corpo, já doente, é a noite de domingo.

Apenas a doença, de fato, consegue afastá-lo dessa rotina operosa. Aos poucos, à piora progressiva de seus olhos vieram juntar-se outros males, pequenos e grandes. Em 1969, foi operado da próstata, em São Paulo.

* * *

Foi mais ou menos por essa época que uma *vidente* paulista predisse a morte de Chico para breve.

"Não me preocupei nem um pouco com essa previsão. Infelizmente, certas pessoas gostam de sensacionalismo. Não temos a menor idéia do dia de nossa partida, a menos que haja alta concessão do Mundo Espiritual..."

Exatamente por não saber nem o dia e nem a hora da sua desencarnação foi que Chico, homem sujeito a fraquezas como qualquer mortal, apavorou-se até o pânico durante uma viagem de avião de Uberaba para Belo Horizonte.

Até Araxá, a viagem transcorreu normalmente. Céu limpo, vôo sereno. Mas, a partir dali, o avião começou a trepidar como um possesso. Parecia descontrolado. Os passageiros começaram a revelar temor. Diante disso, tranqüilo, o comandante saiu da cabina e foi explicar que não havia motivo para pânico. Tudo estava sob controle, o aparelho em perfeitas condições. Aqueles movimentos bruscos eram devidos ao que se denomina *vento de cauda.*

Por alguns instantes, a serenidade voltou a reinar a bordo. Pouco depois, os movimentos se acentuaram. Muitas pessoas começaram a rezar em voz alta. As crianças choravam. Dominado pela emoção, Chico pôs-se a rezar, quase aos gritos: *"Oh! meu Deus!, tende piedade de nós."* Quando sua voz subiu de tom, viu Emmanuel entrar no avião. O Espírito aproximou-se dele e perguntou-lhe o porquê daquela cena.

"Estamos em perigo", respondeu Chico. *"Será que chegou a hora de eu morrer?"*

Emmanuel, sereno, disse-lhe:

"Não posso saber se o Senhor resolveu determinar a sua desencarnação agora. Mas, se você julga que vai morrer, procure pelo menos morrer com educação, sem aumentar a aflição dos outros."

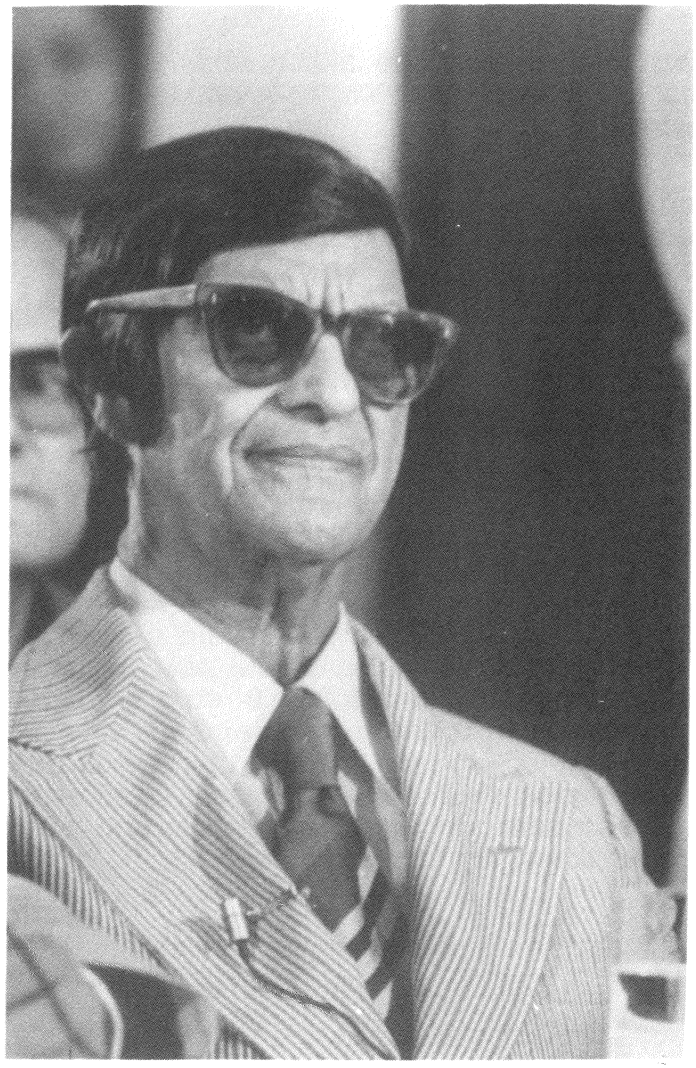
Depois disso, Chico voltou a se controlar. Logo em seguida, o avião deixava de trepidar, seguindo em tranqüilo navegar.

Essa história, contada por Chico na televisão, provocou boas risadas. Para os que, depois dos risos, pensaram um pouco, demonstrou que o médium é um homem excepcional, exatamente por ser feito do mesmo barro que todos nós. Esse programa, aliás, levado ao ar pela extinta TV Tupi a 3 de janeiro de 1972, ficou nos anais da televisão brasileira. Durante quatro horas, o médium respondeu a centenas de perguntas de telespectadores e dos organizadores do *Pinga-Fogo.* O programa, que só terminou às três horas da madrugada, quebrou todos os índices de audiência da época.

Dias depois, procurado por um jornalista, Chico diria, humildemente:

"Nada tenho e nada fiz de especial para que a imprensa dedique suas páginas à biografia deste apagado servidor. Mesmo porque, a idade avançada na vida física e tantos anos de trabalho mediúnico fazem de mim, hoje, apenas um velho enfermo."

Engano de Chico, que continuaria trabalhando, com a mesma avidez de fazer o bem, até este início de 84.



Gaston B. Guglielmi

CAPITULO V

MISSÃO CUMPRIDA

O velho Anatole France dizia que a vida deveria começar pela velhice e terminar na mocidade. Desta maneira, seria possível fundir-se a sabedoria da experiência com o vigor da juventude. Mas, se o sonho é livre, a fatalidade biológica é inexorável.

Em 1965, Chico Xavier visita o médium Arigó na cadeia pública de Conselheiro Lafaiete.

Ninguém escapa aos desgastes do corpo. Assim aconteceu com France, assim ocorre com Chico Xavier. À medida que o médium foi avançando na estrada da vida, foram surgindo os males. quanto mais quilometragem mais doenças. Pequenas e grandes, contornáveis e irremediáveis. Todas suportadas com admirável estoicismo. Como o progresso lento da moléstia dos olhos, iniciada mais ou menos em 1931, e que o deixou praticamente cego.

Naquela época, Chico julgava que seria salvo milagrosamente, mediante uma intervenção cinematográfica dos Espíritos. Ledo engano. Emmanuel advertiu-o para as inevitáveis imperfeições do corpo, e recomendou-lhe que não menosprezasse a medicina, que *"está no mundo em nome da Divina Providência".*

O médium conformou-se. Conta-se que Zé Arigó, lá pelos idos dos anos 60, quando se achava no auge, ofereceu-se para operá-lo da vista. Chico teria se esquivado, delicadamente. Verdade ou não, o fato é que Chico, hoje, está praticamente cego do olho esquerdo – sujeito a constantes sangramentos – e com apenas 50% de visão na vista direita. Mas o médium acha que todo esse sofrimento lhe foi benéfico.

"Transcorridos tantos anos daquele diálogo com Emmanuel, agradeço ao Senhor a bendita doença que carrego nos olhos, sempre tratada por médicos amigos e por Amigos Espirituais, pois ela tem sido em todo esse tempo um agente providencial, induzindo-me à reflexão e ensinando-me a respeitar o sofrimento dos outros."

A doença dos olhos, porém, é apenas um capítulo de um quadro mais amplo. Em 1976, Chico sofreu a primeira crise de angina no peito. A última ocorreu em março de 83. Já teve dois enfartes. A insuficiência coronária lhe produz dores fortíssimas no peito. Ao menor esforço visual, vê-se obrigado a repousar os olhos num quarto escuro. Ingere 12 medicamentos diários. E a cada 15 dias viaja para São Paulo, a fim de se submeter a um tratamento de acupuntura. Apesar de todos os pesares, continua trabalhando.

"É o melhor paciente do mundo. Quando precisa desobedecer, me pede licença", depõe o médico Eurípedes Vieira, que o assiste.

***

O trabalho apenas deixou de ser tão intenso, como era, por exemplo, em 1961. Conta-se que, naquele ano, faleceu num hospital de São Paulo um jovem operado de úlcera. O rapaz, Anélio Gilbertoni, saíra de sua cidade, Taquaritinga, no interior paulista, especialmente para ser operado na capital.

Diante do resultado desastroso da operação, falou-se muito em imperícia do operador. A noiva do rapaz, Marina, foi uma das pessoas que defendeu essa tese com maior ardor. Afinal, dizia, Anélio era um rapaz tão forte...

Três meses após a operação, Marina, que morava em Poços de Caldas, Minas Gerais, decidiu-se a pedir um conselho a Chico Xavier. Sentia-se arrasada, sem forças para continuar vivendo, incapaz de se livrar da imagem do noivo.

Chegada em Uberaba, dirigiu-se à Rua Eurípedes Barsanulfo. Após longa espera na fila, conseguiu, afinal, aproximar-se do médium. Eram quase 11 horas da noite. E, para seu espanto, no final da reunião, recebeu das mãos de Chico uma mensagem, reproduzida pela imprensa à época.

Nela, Anélio lembrava certos fatos íntimos, de que só eles sabiam, e inocentava o médico que o operara.(*)

Casos como esse aconteceram aos milhares com Chico. Estão documentados em dezenas de livros, sacralizados pela assinatura das pessoas que o viveram. E todos sabem a certeza com que ele diz o nome de pessoas que nunca havia visto antes. Já vimos o ocorrido com David Nasser e Jean Manzon. A respeito desse dom, o escritor Ramiro Gama (*Lindos Casos de Chico Xavier*) conta o seguinte:

"Certa vez, fomos em visita a um casal amigo, Lauro e Dayse Pastor Almeida. Ambos são admiradores sinceros de Chico Xavier e conhecem muitos casos do médium. Por isso, resolvemos visitá-los. E Dona Dayse contou que a primeira vez que viu Chico pessoalmente foi durante a Semana do Livro Espírita, em Belo Horizonte."

Ela e Lauro estavam parados, conversando quando o médium se aproximou deles e, numa atitude

(*) A mensagem de Anélio Gilbertoni encontra-se transcrita, na íntegra, no livro *Presença de Chico Xavier* (Elias Barbosa, IDE, cap. 33). (*Nota da Editora* IDE)

simples e fraterna, perguntou: *"Como vai, dona Dayse?"* Ela ainda lhe corrigiu delicadamente a pronúncia, pois ele a aportuguesara dizendo *Daise* em vez de *Deise*. Com toda polidez, ele se justificou: *"É que estou lendo seu nome como ele é escrito."*

Caso mais impressionante aconteceu em 1970 com João Guignone, presidente da Federação Espírita do Paraná. Concluída a sessão, João entrou na fila, a fim de cumprimentar e abraçar Chico. Qual não foi sua surpresa quando, ao chegar junto ao médium, este lhe disse:

"Sabe quem está ao seu lado, bastante emocionada e querendo abraçá-lo? Sua mãe!"

Ao sair dali, João Guignone comentou com um amigo:

"Veja só: o Chico não está regulando muito bem. Minha mãe está viva em Curitiba."

Assim que chegou ao hotel, porém, recebeu um telefonema interurbano. Era do Paraná e lhe anunciava a morte de sua mãe.

Os fatos são irrespondíveis. Mas as explicações variam muito. Elas vão desde a tese espírita, que reconhece o dom mediúnico de ver e dialogar com os mortos, até a de alguns psicanalistas mais radicais, que negam simplesmente tais fenômenos, considerando-os perigosa e doentia ilusão dos sentidos.

A moderna parapsicologia, no entanto, interessa-se cada vez mais pelos fenômenos insólitos e pelos médiuns. A transmissão de pensamentos, por exemplo, é unanimemente aceita por parapsicólogos

de todas as correntes. Esse dom começa a interessar até as técnicas de espionagem. Na União Soviética, há espiões que recebem treinamento especial para desenvolver seus dons paranormais. A ficção científica, que se projeta no futuro, está cheia de superdetetives capazes de captar o pensamento alheio. Citamos tais fatos apenas para mostrar que o impossível, a manifestação diabólica de uma época, será o normal tempos depois. Durante anos, o hipnotismo foi condenado pela Igreja, considerado manifestação diabólica. Hoje, é verdade científica irrefutável.

Mas Chico Xavier não hipnotiza nem faz espionagem. Seus dons paranormais, no entanto, ultrapassam em muito os conhecimentos atuais da parapsicologia. Foi por tudo isso, para acender uma luzinha neste mistério, que, em 1978, a NASA mandou um cientista a Uberaba. Durante seis dias, o engenheiro-pesquisador Paul Hild estudou a mediunidade de Chico. Como bom americano, Hild trouxe uma sofisticadíssima aparelhagem eletrônica e câmaras de circuito interno. Sabemos que as nossas impressões são subjetivas e enganam. Mas as máquinas, pelo contrário, nunca se deixam iludir. E os resultados preliminares, fornecidos pela eficácia fria das máquinas, deixaram o cientista americano desconcertado.

O que pensaria, então, Paul Hild se Chico lhe contasse o caso do Espírito atirador?

"Certo dia, eu estava trabalhando com um colega, no escritório da seção do Ministério da Agricultura. De repente, percebi a chegada de dois Espíritos perturbados. Fazia algum tempo que ambos vinham

me fazendo ameaças. Daquela vez, porém, um deles estava armado com um revólver. Ele começou a me dirigir desaforos, dizendo que ia me matar. Meu colega de trabalho não viu nem ouviu nada. Acontece que o tal Espírito atirou mesmo. Desviei o corpo e a bala raspou o meu ombro. Durante vários dias, senti fortes dores no local. Ao me ver empalidecer e cair, meu colega correu para ajudar-me, partindo em seguida em busca de socorro médico."

⁂

Solteiro, Chico nada tem de um misantropo. Ou de um misógino. Apenas, sua missão é mais alta. Puro sacerdócio. Como tal, indispensável pôr de lado outras preocupações. Conta-se que, certa vez, um grupo de senhoras de Uberaba sugeriu-lhe casar-se. Chico preocupou-se muito. Afinal, um amigo aconselhou-o: "Compreenda a lição do perfume em seu vidro. Enquanto está ali, beneficia apenas o vaso que o prende. Fora dali, perfuma e agrada a todos."

Chico ouviu, meditou e hoje está convencido de que Deus e os seus orientadores espirituais privaram-no do amor físico para que ele se dedique ao amor por todos. A família é exclusivista. A um repórter que insistiu neste ponto, Chico respondeu, sem mágoa e com bastante bom humor:

"Se eu tivesse insistido nesse problema, talvez tivesse me definido. Com a morte de minha madrasta, no entanto, fiquei tomando conta dos seis filhos dela... Por outro lado, a mediunidade começou a se manifestar muito cedo. Ao todo, éramos 14 pessoas, que eu devia amparar. Então por muito que o sexo me requisitasse, não pude me decidir. Resisti aos impulsos, mas não foi fácil. Outro dia, a grande poetisa goiana Cora Coralina dizia a um repórter que os velhos, mesmo os velhos, têm direito aos sonhos eróticos. Sonhos maravilhosos..."

Chico não namorou nem casou. Mas adotou uma imensa família em todo o país. Como todo homem solteiro, porém, já foi vítima das mais torpes calúnias a respeito de sua conduta sexual. Além da condição de celibatário, contribuem para isso seu modo de falar e a maneira delicada, quase feminina, de seus gestos.

A propósito, contam que há pouco tempo uma moça, impressionada, olhava-o. Ainda não haviam trocado qualquer palavra quando, de repente, Chico surpreende-a, ao se dirigir a ela, de maneira cortês, mas incisiva:

"O que você está pensando de mim não procede. Nunca tive relações sexuais, muito menos com homem."

⁂

Um outro fato que já deu motivo a muito comentário é a peruca de Chico. Há várias versões a respeito. O que existe de certo é que, até certa época, usava boina. Os crentes, porém, no excesso do entusiasmo, passaram a lhe roubar as boinas, com a mesma habilidade com que rasgam, por exemplo, a camisa de um cantor. Apenas, aqui, entrava principalmente a credulidade. Pensavam que a boina podia fazer milagres, curar doenças, salvar da crise econômica, etc.

Seja como for, dizem alguns que a peruca lhe foi aconselhada por Emmanuel. O médium, careca, estaria muito feio. E, podendo-se evitar, não se deve mostrar aos outros uma aparência desagradável. Essa versão, porém, parece apenas folclórica. Pois o próprio Chico contou a um repórter uma história bem mais natural:

"Há alguns anos, tive uma sinusite. Essa moléstia começou a me criar problemas no olho doente. Trabalho todos os dias até de madrugada. Noites frias. Às vezes, saio com chuva. No meu caso, a calvície é uma enfermidade que está catalogada em qualquer dicionário. Chama-se alopecia."

⁂

Com ou sem alopecia, de boina ou sem boina, Chico prosseguiu de maneira incansável em seu trabalho mediúnico. Algumas pessoas, em seu arrebatamento, chegam a classificá-lo de fazedor de milagres. O que não agrada ao médium. Mas é o que afirma, com toda convicção, a advogada e professora Darci Sodré Fuentes, residente em Franca, Estado de São Paulo.

Dona Darci achava-se com um sério problema de saúde, que os médicos não conseguiam determinar. Correu ceca e meca, sem resultado. A princípio, pensavam que o problema fosse da vesícula. Feitos os exames, nada. Desesperada, resolveu ir a Uberaba. Assim que a viu, sem nada lhe perguntar, Chico recomendou-lhe:

"Volte para Franca e consulte um especialista, o Dr. Fernando Ruas. Ele poderá orientá-la."

Chico nunca ouvira falar no Dr. Fernando que, realmente, constatou que dona Darci sofria de um problema congênito dos rins.

⁂

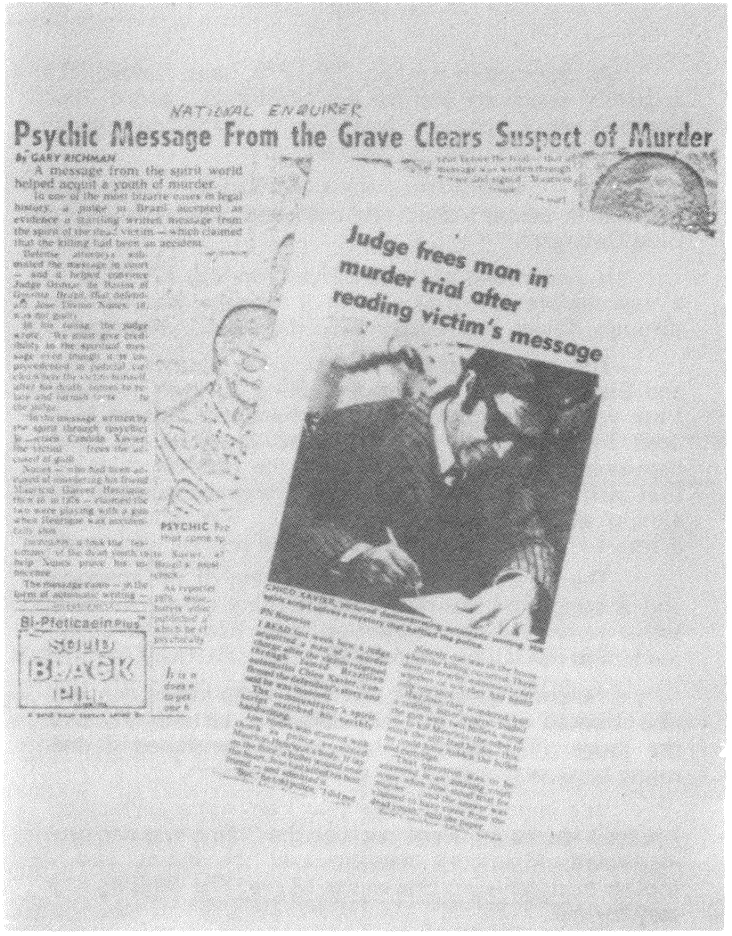
História talvez única nos anais da Justiça brasileira foi aquela ocorrida em Goiânia, Goiás, em julho de 1979. Se necessitássemos de um título fantástico, com uns toques *à lá* Gabriel García Márquez, não hesitaríamos em optar por *A Incrível História de um Réu Absolvido pela Mensagem de um Morto.*

O caso começou três anos antes, quando, sem qualquer motivo, um estudante, de 18 anos, assassinou seu melhor amigo. O crime provocou polêmica. Parecia a todos bárbaro e frio. O assassino, porém, jurava sua absoluta inocência. Era primário. E sempre fora um jovem de boa conduta.

Para complicar as coisas, o crime ocorrera sem testemunhas. Afinal, marcou-se a data do julgamento. Neste entretempo, chegou ao juiz encarregado do processo uma mensagem psicografada por Chico Xavier. Nela, o rapaz assassinado, Maurício Garcez Henrique, isentava o amigo de qualquer culpa. O disparo fora acidental. E os dados eram tão precisos, com detalhes tão irrefutáveis, que o juiz absolveu o réu, numa decisão provavelmente inédita no país – e talvez até no mundo.

⁂

CHICO XAVIER
salvou inocente
da cadeia



NATIONAL ENQUIRER

Psychic Message From the Grave Clears Suspect of Murder

By GARY RICHMAN

A message from the spirit world helped acquit a youth of murder.

Judge frees man in murder trial after reading victim's message

A absolvição do estudante de Goiânia provocou grande repercussão na imprensa brasileira (Reportagem do jornal *Diário da Noite*, São Paulo, SP, 10/9/79.). No exterior, os conceituados jornais: *National Enquirer*, dos Estados Unidos, e *Psychic News*, da Inglaterra, divulgaram o "caso Maurício", com destaque, em suas páginas. [Do livro *Lealdade*, F.C. Xavier, Maurício G. Henrique (Espírito), IDE.]

Em 1981, o nome de Chico Xavier foi lançado candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Não houve grande mobilização. Algumas reportagens, moções de apoio, e só.

No ano seguinte, seu nome voltava a ser lembrado. Desta vez, o movimento seria mais bem estruturado. Os defensores da idéia, através do programa *Fantástico,* da TV Globo, procuraram monopolizar a opinião pública, congregando espíritas e não-espíritas. O objetivo não seria premiar o seguidor de Kardec, mas a admirável figura humana que vive com uma modesta pensão do Estado, quando apenas os direitos autorais de seus livros lhe permitiriam adquirir várias fazendas de gado em Uberaba. Com absoluto desprendimento, no entanto, Chico prefere dividir esse dinheiro entre cerca de 2 mil instituições de caridade, localizadas no Brasil e no exterior.

A campanha, dirigida por Augusto César Vannucci, encontrou extraordinária receptividade, sendo endossada por mais de 10 milhões de brasileiros, que assinaram manifestos, enviaram telegramas e cartas de apoio.

O Deputado Freitas Nobre, durante meses, empenhou-se em recolher toda a documentação possível sobre Chico. O resultado ultrapassou de longe toda a expectativa. O material reunido somava 140 quilos. Desse peso bruto, extraiu-se o fino, os casos mais extraordinários, realçando as admiráveis qualidades humanas de Chico. O resumo de tudo foi encaminhado ao presidente do Instituto

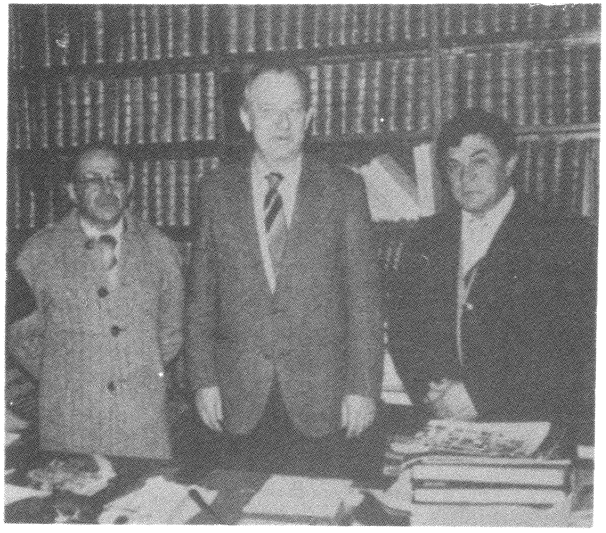
Gaston B. Guglielmi

Em 1981, Chico Xavier foi lançado candidato ao Nobel da Paz. A campanha foi dirigida por Augusto César Vannucci (na foto, ao lado do médium) e pelo Deputado Federal Freitas Nobre.

Nobel, na Noruega, Dr. Swerderup, que fez questão de revelar sua admiração.

Por outro lado, a candidatura Chico Xavier expandia-se também no exterior, tendo obtido o apoio de pessoas e instituições em 28 países das Américas, Europa, Ásia e África.

Em meio a toda essa mobilização ao redor de seu nome, Chico mantinha a mesma humildade.



O presidente do Nobel da Paz, Dr. Swerderup, entre o Deputado Federal Freitas Nobre (à sua direita) e um empresário brasileiro, ao receber a indicação do nome de Chico Xavier em Oslo.

Dizia não saber se a merecia. E nem podia nada prever. Os dois outros candidatos eram figuras marcantes em todo o mundo: o Papa João Paulo II e o líder sindical polonês Lech Walesa, que saiu vitorioso.

* * *

Com ou sem Nobel, a vida continua. Chico prossegue psicografando, de preferência ao som de música. O médium garante que um dos Espíritos que com mais freqüência se utiliza de suas mãos adora a *Sinfonia Fantástica,* de Berlioz. Independente do ritmo musical, sua mediunidade apresenta fenômenos raros, como a chamada psicografia cruzada, que consiste no fato de dois (ou mais) médiuns receberem trechos de uma mensagem, que, unidos, encaixam-se perfeitamente, formando seqüência.

Desta forma, foi recebido integralmente o livro *Evolução em Dois Mundos,* ditado pelo Espírito de André Luiz. Chico recebia os capítulos pares, e Waldo Vieira, que morava a mais de 500 km de Chico, os ímpares.

Reunidos, encaixaram-se perfeitamente valendo lembrar que, pelo assunto e a terminologia utilizada, é livro de acesso limitado a um escasso público.

Em seu livro *No Mundo de Chico Xavier,* o médico Elias Barbosa reduz a atividade do médium mineiro a uma curiosa estatística. Os números, porém, param em 1967, data da primeira edição. Dezessete anos depois, obviamente, tais números se tornaram obsoletos, sem perderem o caráter de exemplo admirável. Por isso, resolvemos atualizá-los, no possível, levando em consideração a diminuição gradativa das atividades de Chico, em conseqüência da enfermidade e da marcha inexorável da idade.

Tomando por base os 40 anos de atividade de Chico, Elias Barbosa concluiu que, durante este período, ele participou de 6.240 reuniões, tendo atendido a mais de um milhão de pessoas. O tempo empregado no serviço psicográfico e mediúnico ascendia a 73 mil horas. Isso significava que Chico,

até então, havia passado 8 anos, 12 dias e 10 horas em transe.

O número de livros psicografados era de 92, sendo que, destes, 17 de parceria com Waldo Vieira. Total de páginas: 17.119, sem computar as mensagens pessoais e as recebidas em língua estrangeira, o que, segundo Elias Barbosa, talvez dobrassem esse número. Naqueles 40 anos, Chico psicografara 21.772 versos.

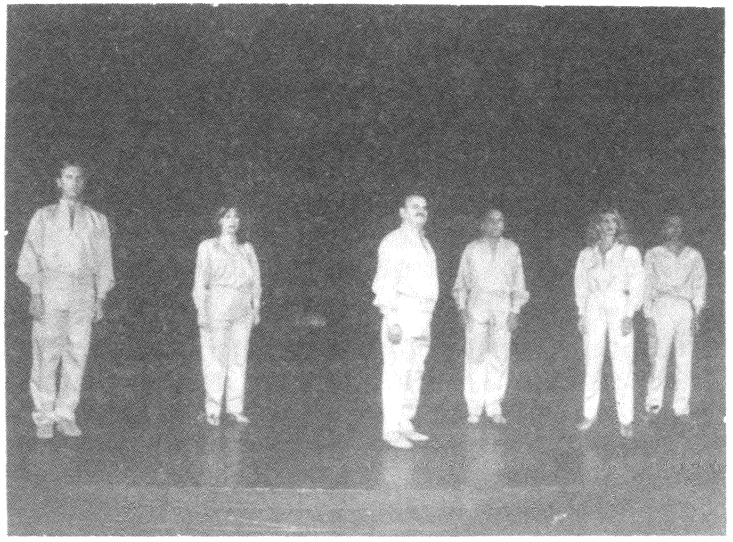
Hoje, 17 anos depois, chegamos aos seguintes resultados que, admitimos, são perfeitamente contestáveis. Neste ano da graça de 1984, com 57 anos de trabalhos mediúnicos, Chico deve ter participado de cerca de 8.900 reuniões. O número de pessoas atendidas fica ao redor do milhão e meio.

O tempo despendido no serviço mediúnico equivale a aproximadamente 105 mil horas. Isso equivale a dizer que Chico, até a presente data, passou cerca de 11 anos em estado de transe.

Os livros psicografados são 212*, sendo de 9,5 milhões o número de exemplares vendidos. O total de páginas deve se aproximar das 30 mil, cabendo a mesma ressalva feita por Elias Barbosa: neste total, não figuram as mensagens pessoais e em língua estrangeira. Os autores psicografados oscilam ao redor de 400.

* * *

(*) Até junho de 1992, já havia Chico Xavier alcançado a expressiva cifra de 353 livros publicados. (*Nota da Editora* IDE)



Chico não é apenas o maior *best-seller* nacional. Como autor teatral, obteve um sucesso marcante, nestes tempos de vacas magras para o teatro. Cena da peça *Além da Vida*, com os atores, da esquerda para a direita: Renato Prieto, Léa Bulcão, Felipe Carone, Lúcio Mauro, Rosana Penna e Alexandre Barbalho.

Chico não é apenas o maior *best-seller* nacional. Como autor teatral, obteve um sucesso marcante, nestes tempos de vacas magras para o teatro. A peça *Além da Vida,* coletânea de textos extraídos de obras de Chico e Divaldo Franco, teatralizados por Augusto César Vannucci, Hilton Gomes e Paulo Figueiredo, ficou durante oito meses (de janeiro a agosto) em cartaz no Teatro Vannucci, no Rio de Janeiro. Com um detalhe: pelo menos durante seis meses com casa lotada (o teatro tem cerca de 420 lugares).

Sucesso em livro, no teatro e na televisão, faltava apenas Chico atingir uma das mais populares

formas de comunicação de nossa época: o disco. Mas, no ano passado, uma gravadora lançou quatro elepês, nos quais Chico lia algumas de suas mensagens. Ou melhor, mensagens dos Espíritos, pois, como ele mesmo gosta de insistir:

"Não sou o autor dos livros. Os autores são os Espíritos amigos. Sou apenas o cavalo usado para o transporte. Os cavaleiros não aparecem."

* * *

Cavalo e cavaleiros à parte, o que mais impressiona em Chico é a sua humildade. E a sua paciência que, certamente, daria para competir com a de Jó. Essas qualidades humanas, tão raras, seduzem e desconcertam tanto quanto a sua simplicidade, apesar de viver há mais de meio século no pódio da fama. Uma simplicidade tão contundente, que chega até a admitir que, esporadicamente, deixa escapar uma mentira:

"Pois, como diz Emmanuel, às vezes é preciso adiar a verdade."

Já vimos como os espíritas de todo o mundo acreditam numa futura missão civilizadora do Brasil, baseado no amor e no cumprimento do Espiritismo evangélico à brasileira. Hoje, essa concepção, que não nasceu de um impulso de ufanismo, espalha-se cada vez mais por todo o mundo.

Uma estudiosa estrangeira, a norte-americana Alice A. Bailey, salienta que o Brasil, no futuro, será

"uma civilização vinculadora e interpretativa, baseada no desenvolvimento da consciência abstrata, mescla de intelecto e intuição, que revela a sabedoria do amor em toda a sua beleza."

"De maneira que – como escreveu o argentino Humberto Mariotti – não será arriscado supor que no país do Cruzeiro do Sul está sendo gerada uma nova filosofia religiosa e espiritualista, que será, sem dúvida, o ideal da Nova Era."

Se assim for, Chico Xavier terá sido, sem dúvida, o grande apóstolo desta Nova Era. O homem que se autodefine como *"um animal a serviço dos Espíritos, uma tomada entre dois mundos"*, é muito mais que isso.

E nem importa se os Espíritos existem ou não, se eles se comunicam ou não com os vivos. Isso depende da fé individual. Mas o que independe de crenças, o que ninguém pode negar, é o extraordinário exemplo de amor e abnegação humanos dados por Chico. Tal um cometa num límpido céu de uma noite de verão, ele passa pela Terra deixando um imenso rastro de luz.

ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES

1 - Chico Xavier fala ao microfone 8
2 - Cidade de Pedro Leopoldo 10
3 - Chico Xavier na mocidade 14
4 - Casa onde vivia Chico Xavier em Pedro Leopoldo 16
5 - Chico Xavier aos 26 anos de idade 17
6 - Padre Sebastião Scarzelli 24
7 - Allan Kardec 26
8 - Túmulo de Allan Kardec, em Paris 27
9 - Chico Xavier psicografa em reunião pública 30
10 - Idem 32
11 - Reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba 34
12 - Idem 35
13 - Açude de Pedro Leopoldo 40
14/15 - Emmanuel e Manoel da Nóbrega 41
16 - Castro Alves 42
17 - D. Pedro II 43
18 - Olavo Bilac 44
19 - Monteiro Lobato 45
20 - R. Magalhães Jr. 46
21 - Na Fazenda Modelo, Chico Xavier recebe a visita de uma confreira 52
22 - Chico Xavier na mocidade 54

23 - Mensagem de Emmanuel, em inglês e com escrita invertida 56
24 - Tristão de Athayde 57
25 - Receita psicografada prescrevendo tratamento homeopático 58
26 - Agripino Grieco 60
27 - Humberto de Campos 64
28/29 - Jean Manzon e David Nasser 67
30 - Jésus Gonçalves 69
31 - Cidade de Uberaba 76
32/33 - Confronto de assinaturas de Wilsom de Oliveira em carta mediúnica e Carteira de Trabalho 80
34 a 40 - Seqüência fotográfica de uma reunião pública do Grupo Espírita da Prece, em Uberaba 83, 84, 85, 86
41/42 - Distribuição de Natal em Uberaba 88
43/44 - Idem 89
45 - Frontispício do livro *The World of the Spirit* 93
46 - Chico Xavier visita a Maison des Spirites, em Paris 95
47 - Brinquinho, charmoso cãozinho, no colo do médium 96
48 - Chico Xavier 102
49 - Zé Arigó é visitado pelo médium Xavier 104
50 - Reportagem do "caso Maurício" no jornal *Diário da Noite,* de S.Paulo 114
51 - Idem, nos jornais *National Enquirer* e *Psychic News* 115
52 - Augusto César Vannucci e Chico Xavier 117
53 - Na Noruega, Dr. Swerderup recebe do Deputado Freitas Nobre a indicação do nome do médium para o Nobel da Paz 118
54 - Cena da peça teatral *Além da Vida* 121

Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - 13600-000 - Araras - Estado de São Paulo
C.G.C. 44.220.101/0001-43 — Insc. Estadual 182.010.405.118

INSTITUTO
DE DIFUSÃO
ESPÍRITA

ISBN 85-7341-004-3

9 788573 410044

508.108